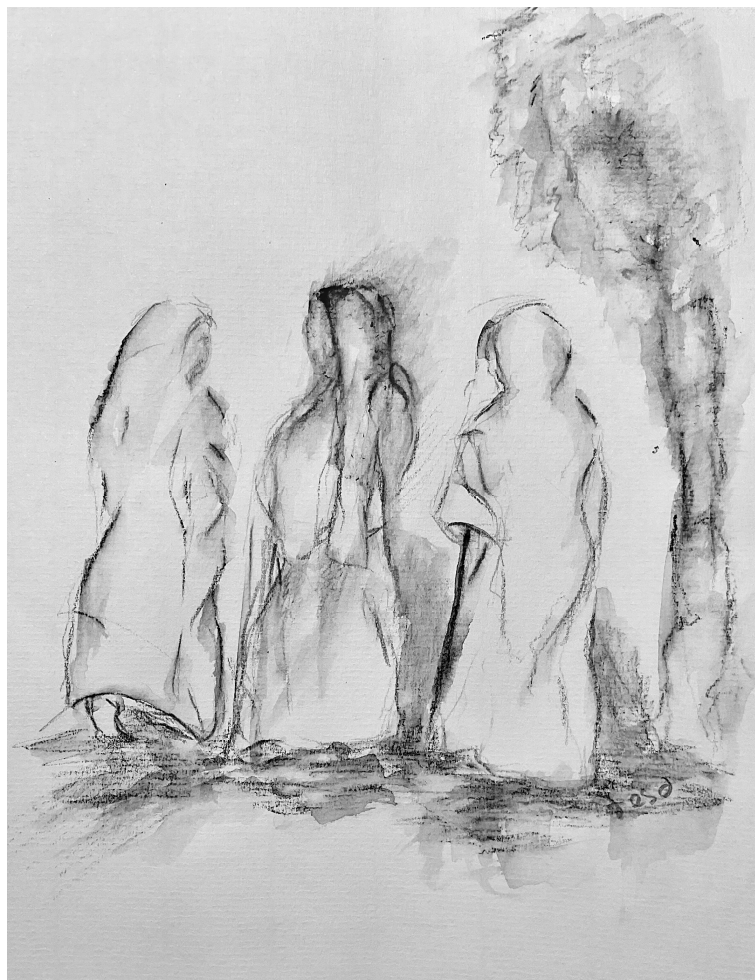
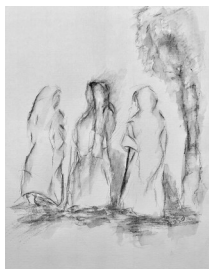


Tema de Estudo 2024-2025

No caminho de Emaús

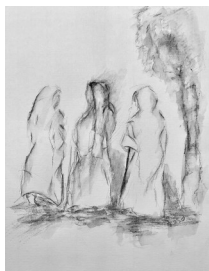


Equipas de Nossa Senhora
Equipa Responsável Internacional
Julho de 2024



Índice

Apresentação	3
Introdução	6
Capítulos e Objectivos	9
Palavra de Deus	10
Cap. 1: Com o coração despedaçado	12
Cap. 2: No coração da nossa história	23
Cap. 3: Corações interpelados	35
Cap. 4: Corações na incerteza	45
Cap. 5: Corações abertos à Palavra de Deus	56
Cap. 6: Com o Coração ardente	69
Cap. 7: Acolher o Pão partido	82
Cap. 8: No coração das nossas equipas, e da Igreja	92
Anexos	104
Modelo para uma reunião de equipa	104
Oração para a Partilha.....	104
Atitudes de vida. Pontos Concretos de Esforço.....	105
Oração pela canonização do Padre Caffarel	105
Meditações da Prof ^a Marina Marcolini, no Encontro Internacional Torino 2024, sobre a passagem dos Discípulos de Emaús.....	106
Modelo para a Reunião de Balanço	106
Magnificat.....	107



Apresentação

Cara Família das Equipas de Nossa Senhora: Quando este tema de estudo chegar às vossas mãos e o começarem a ler, já terá terminado o XIII Encontro Internacional do nosso movimento e já terá ocorrido a transferência de responsabilidade da Equipa Responsável Internacional (ERI) e do Casal Responsável Internacional, para aqueles que nos sucedem, os nossos queridos amigos Mercedes Gómez-Ferrer e Alberto Pérez Bueno.

A preparação de um tema de estudo na transição de duas equipas responsáveis internacionais é uma tarefa complexa porque, no momento em que começámos a escrever o tema, as novas orientações de vida comunicadas ao movimento no final do encontro de Turim ainda não tinham sido estabelecidas e a nova equipa responsável internacional ainda não tinha sido formada, o que tornou necessário que o tema fosse desenvolvido sob a responsabilidade da ERI cessante.

No que diz respeito à elaboração deste tema de estudo, devemos dizer que, embora seja um trabalho apoiado por toda a ERI que participou nas suas revisões iterativas, a direção de sua coordenação foi assegurada por Mercedes e Alberto com o apoio da equipa de redação; nestas circunstâncias, a redação foi confiada à RR Líbano e, em particular, a Georgina e Youssef Elias BOUTROS que, neste desafio, foram os interlocutores permanentes entre a equipa de redação e a ERI. Gostaríamos de lhes expressar a nossa gratidão pelo trabalho que realizaram em circunstâncias tão difíceis.

Devemos deter-nos aqui para partilhar convosco, enquanto família, as grandes dificuldades com que nos deparámos na preparação deste tema, que foi infelizmente afetada e retardada pelo falecimento do Pe. Joseph Abdul Sater O.A.M., que chefiava a equipa de redação e que pôde

participar na elaboração da introdução ao tema e nos esboços de trabalho dos primeiros capítulos. Gostaríamos de expressar ao Padre Abdul, na comunhão das almas, os sentimentos de afeto e dor que nos invadem pela sua partida prematura, certos de que, desde a eternidade, continua a interceder e a acompanhar as ENS e especialmente a RR Líbano, neste caminho que ajudou a construir com tanto amor e dedicação.

Tal como o tema de estudo 2018-2019, intitulado "Reconciliação, Sinal de Amor", que fazia eco do que tinha sido vivido durante o Encontro Internacional de Fátima, que decorreu sob este mesmo lema, esta ERI decidiu preparar o tema de estudo 2024-2025 com o título "A caminho de Emaús", também como uma extensão e eco do que foi vivido durante o Encontro Internacional de Turim. Tendo como pano de fundo a passagem dos discípulos de Emaús, vivemos uma experiência de encontro e de reflexão sobre o sentido profundo da Eucaristia enquanto centro e ápice da vida cristã.

Desde o início da sua vida pública, Jesus preocupou-se em criar um sentido de comunidade entre aqueles que aceitavam os seus ensinamentos e em criar um espírito de comunhão com todos os que decidiam segui-lo incondicionalmente. Na narrativa dos Discípulos de Emaús, Cléofas e o seu companheiro de viagem representam de certo modo a nossa vida, (Clarita e Edgardo), que, com o coração ardente, fizemos a experiência do encontro com um outro coração, cheio de misericórdia e que quer fundir-se com o destes discípulos desnorteados. É o coração do próprio Jesus Cristo ressuscitado.

O coração «ardente» dos discípulos de Emaús transforma-se no encontro com Jesus Cristo ressuscitado. No início, estas "brasas" têm um sentimento de inquietude, de preocupação, de alarme, mas à medida que o encontro com este viajante solitário, que quis juntar-se no caminho a estes discípulos, o nosso próprio caminho que continua e a sua presença real revela-se, transformam-se em ardor, em esperança, em fogo interior. Uma emoção incontável impele-nos a não perder a comunhão com a comunidade dos discípulos, mas, pelo contrário, a fomentá-la,

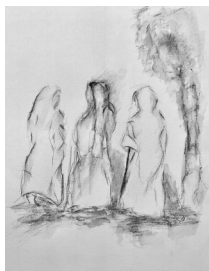
proclamando que Jesus Cristo é o vencedor da morte e que todas as nossas esperanças e os nossos desejos têm e adquirem o seu sentido pleno. Porque, como disse o apóstolo Paulo, «se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação, e é vã a vossa fé!» (1 Coríntios 15, 14)

Para aqueles que participaram no recente Encontro Internacional em Turim e para os que nos acompanharam com as suas orações a partir das suas casas, a leitura deste tema permitir-nos-á viver de forma encarnada a experiência do encontro que dá sentido à nossa fé, sem escapar às dores dos corações feridos pelas duras realidades, no meio das alegrias que também acompanham a nossa vida e que são curadas ao fazer uma outra leitura, desde que estejamos ligados à sagrada presença do Ressuscitado. No final do livro, contando com a "cumplicidade" e esforço das Supra-Regiões que tiveram de adiar a edição final do tema de estudo para depois do encontro, quisemos incluir os textos das belas e profundas reflexões diárias que a professora Marina Marcolini fez no início de cada dia do encontro internacional de Turim. Não temos dúvidas de que serão um precioso complemento ao tema e um dom para ajudar a despertar e a alimentar o fogo interior que esta experiência de encontro e de reconhecimento suscita.

Como no lema e no envio do encontro de Turim, desejamos que, na comunhão dos vossos cônjuges, dos vossos casais, da vossa equipa e de todo o movimento, a leitura deste tema e a sua interiorização permitam que os vossos corações ardam com o mesmo amor daquele que é a expressão última do amor, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Peçamos à nossa Mãe do Céu, como exemplo e guia para nos aproximar do seu Filho, que nos acompanhe e nos ilumine nesta nova etapa do caminho que iremos percorrer neste ano 2024-2025. Vossos irmão e irmã em Cristo,

Clarita e Edgardo Bernal
Responsáveis Internacionais 2018-2024.



Introdução

Caros membros das Equipas de Nossa Senhora,

É com profunda alegria que hoje vos convido a explorarmos juntos o tema particularmente inspirador dos discípulos de Emaús. Este relato bíblico do Novo Testamento (Lucas 24, 13-35) oferece-nos uma perspetiva rica sobre o encontro transformador com o Cristo ressuscitado que vira a nossa vida de pernas para o ar e uma fonte inestimável de reflexão e de ensinamentos que ressoam poderosamente com as aspirações espirituais e conjugais que animam o nosso percurso dentro das Equipas de Nossa Senhora.

No decurso da nossa reflexão sobre este tema, somos chamados a meditar sobre o significado deste encontro no caminho de Emaús e a explorar os paralelos entre a viagem dos discípulos de Emaús e o nosso próprio percurso dentro das Equipas de Nossa Senhora.

Como é que os discípulos de Emaús reconheceram Cristo ressuscitado na partilha da Palavra e na fração do pão? Como podemos, à semelhança destes discípulos, abrir os nossos corações à presença de Cristo nas nossas vidas e nas nossas relações conjugais em particular? Como podemos reconhecer Cristo nos nossos momentos de dúvida e desânimo? Como podemos reconhecer a Sua presença nas nossas partilhas, nas nossas orações e nos nossos momentos de comunhão dentro das nossas equipas e dos nossos casais? Como podemos deixar-nos guiar pela luz da fé, mesmo quando as trevas e as tormentas ameaçam envolver-nos e sufocar-nos?

Este encontro entre os discípulos e Cristo ressuscitado convida-nos a refletir sobre o modo como percebemos a presença do divino nas nossas vidas e nas nossas relações conjugais.

Juntos, mergulhemos na profundidade desta narrativa bíblica e deixemo-nos inspirar no modo como os discípulos de Emaús experimentaram o

encontro transformador com Cristo, o verdadeiro companheiro da nossa caminhada no caminho da vida.

Os discípulos de Emaús, sem dúvida marcados pela crucificação de Jesus e mergulhados no desânimo, iniciam uma viagem que se tornará uma das histórias mais edificantes do Evangelho. São acompanhados, sem o saberem, pelo próprio Cristo ressuscitado. Este périplo simboliza a nossa própria caminhada espiritual, muitas vezes repleta de incertezas, de dúvidas e de interrogações.

A sua história, embora remonte à antiguidade, ressoa com uma atualidade surpreendente nas nossas vidas e nos nossos casais. A sua viagem, imbuída de uma profunda busca de significado e repleta de interrogações e de medos, representa uma metáfora poderosa para a nossa própria caminhada espiritual.

Dentro das Equipas de Nossa Senhora, somos companheiros de viagem, peregrinos no caminho da fé e do amor, procurando reconhecer a presença de Cristo ressuscitado nas nossas vidas e nas nossas relações.

Os discípulos de Emaús ensinam-nos que, mesmo nos momentos em que nos possamos sentir perdidos ou desanimados, a presença de Cristo ressuscitado permanece constante e transforma as nossas vidas.

No centro da nossa abordagem dentro das Equipas de Nossa Senhora está o desejo de fortalecer os nossos laços com Cristo e com os nossos cônjuges de caminhar juntos para uma compreensão mais profunda da nossa fé e uma maior comunhão com Cristo e entre nós, fortalecendo assim a sagrada missão que é a nossa.

Esta reflexão sobre os discípulos de Emaús inspira-nos a acolher Cristo ressuscitado na nossa vida quotidiana e a partilhar a Sua luz com os nossos cônjuges dentro das nossas Equipas. Ensina-nos a caminhar com confiança ao longo do caminho traçado por Cristo ressuscitado, nosso guia e nosso fiel companheiro.

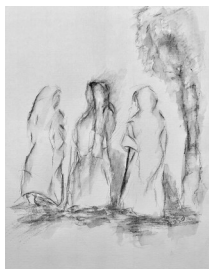
Que Cristo ressuscitado nos acompanhe ao longo desta viagem espiritual, iluminando o nosso caminho e fortalecendo os nossos laços fraternos dentro das Equipas de Nossa Senhora para que, através de uma melhor compreensão do papel essencial que a fé desempenha na nossa vida

conjugal e familiar, possamos fazer dos nossos encontros, partilhas e orações momentos que transformem as nossas vidas, despertem os nossos corações e renovem o nosso compromisso para com os valores que animam as Equipas de Nossa Senhora e fortalecem os alicerces das nossas famílias.

Possamos, como os discípulos de Emaús que vagueiam pelos caminhos da vida marcados pelas desilusões, pelas dúvidas e pelos momentos de confusão, ser testemunhas deste encontro extraordinário que transforma o nosso desânimo numa experiência de profunda intimidade com Cristo ressuscitado e sentir o calor da Sua presença no nosso caminhar em comum.

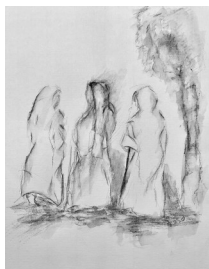
Por fim, pedimos ao Senhor para que a nossa pertença à família das ENS, imitando em particular os discípulos de Emaús ao longo deste ano, nos guie para o objetivo Último do nosso caminho em conjunto, que termina com uma transformação coletiva numa «Igreja em saída», uma Igreja que coloca os consagrados e os leigos na linha da frente, no centro da ação e que responde ao apelo do Papa Francisco a todos os cristãos para que caminhem para um novo impulso missionário para identificar novas periferias existenciais para a evangelização.

Pe. Joseph Abdul Sater



Capítulos e Objectivos

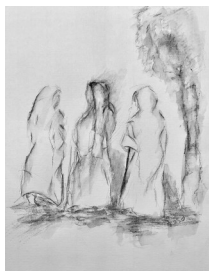
Cap.	Título	Leitura	Objectivo
1	Com o coração despedaçado	Lc 24,13-14	Aprofundaremos o significado da decepção no nosso caminho de fé como cristãos, exploraremos a passagem para a esperança e tomaremos consciência da importância de caminhar juntos em casal para nos apoiarmos um ao outro.
2	No coração da nossa história	Lc 24,15-16	Descobrimos um Deus que não habita no céu, mas um Deus que se fez carne, que entra na nossa história, que delicadamente percorre os nossos caminhos, sem se impor, para nos revelar o seu Rosto Amoroso, o Rosto do seu Pai.
3	Corações interpelados	Lc 24,17-19	Descobrimos a ternura de um Deus que se humilha para nos desafiar e que nos escuta com paixão. As nossas experiências de derrota, de sofrimento... são tão preciosas para Ele que se dispõe a esvaziar-Se para as receber, para as conter e para as transformar em experiências de vida.
4	Corações na incerteza	Lc 24,20-24	Exploramos a incerteza e a confusão no nosso caminho de fé, na oração, na nossa relação com Deus e descobrimos uma caminhada de abertura à sua misteriosa presença no centro das nossas vidas.
5	Corações abertos à Palavra de Deus	Lc 24,25-27	Descobrimos um Deus que se revela através das Escrituras. Somos encorajados a comprometermo-nos na escuta da Sua palavra, que nos ajuda a conhecê-Lo na Sua Verdade e na Sua Essência, que é o Amor.
6	Corações ardentes	Lc 24,28-29	Caminhamos juntos para encontrar um Deus que espera o nosso convite para entrar e ficar connosco durante a noite, numa intimidade incomparável.
7	Acolher o Pão partido	Lc 24,30-31	Descobrimos que o auge da nossa caminhada espiritual individual e conjugal está no encontro com Deus e na união com Ele no mistério da Eucaristia.
8	No coração das nossas equipas e da Igreja	Lc 24,32-35	Descobrimos a alegria de caminhar juntos nas nossas equipas como discípulos e de nos vermos transformados em missionários do Amor no coração de nossa Igreja.



Palavra de Deus (Lc 24,13-35)

«E eis que nesse mesmo dia (ou seja, o primeiro dia da semana) dois deles estavam a caminho de uma povoação, de nome Emaús, que distava sessenta estádios de Jerusalém. Eles conversavam um com o outro acerca de tudo o que acontecera. E aconteceu que, enquanto eles conversavam e debatiam, o próprio Jesus, aproximando-se, pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes, então: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?». Pararam com ar pesaroso. Um deles, de nome Cléofas, respondendo disse-lhe: «Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?». E Ele disse-lhes: «O quê?». Eles disseram-lhe: «O que diz respeito a Jesus de Nazaré, que se tornou um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, de tal modo que os chefes dos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse Ele quem estava prestes a resgatar Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. No entanto, algumas mulheres de entre nós deixaram-nos espantados: tendo estado de manhã cedo junto ao sepulcro, ao não encontrarem o seu corpo, vieram dizer que tinham tido uma visão de uns anjos que dizem que Ele está vivo. Alguns dos que estão connosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres haviam dito; mas a Ele não o viram». Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». E, começando a partir de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que a Ele dizia respeito. Aproximaram-se da povoação para onde iam, e Ele fez menção de seguir adiante, mas eles insistiram com Ele, dizendo: «Fica connosco, porque é tarde e o dia já está

a declinar». Entrou, então, para permanecer com eles. E aconteceu que, quando Ele se reclinou com eles à mesa, tomando o pão, pronunciou a bênção e, partindo-o, deu-lho. Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no, mas Ele deixou de lhes ser visível. Diziam, então, um ao outro: «Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos abria as Escrituras?». E, levantando-se, nessa mesma hora voltaram para Jerusalém. Encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, que diziam: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão». Então eles contaram o que acontecera no caminho, e como Ele se lhes dera a conhecer na fracção do pão».



Cap. 1: Com o coração despedaçado

"E eis que nesse mesmo dia dois deles estavam a caminho de uma povoação, de nome Emaús, que distava sessenta estádios de Jerusalém. Eles conversavam um com o outro acerca de tudo o que acontecera." (Lc 24,13-14)

Estamos na presença de dois discípulos que percorrem juntos o mesmo caminho. Sabe-se que um deles se chama Cléofas, mas o outro não tem nome. Poderia, portanto, ser qualquer um de nós.

Para saborear todas as riquezas espirituais destes dois versículos deste texto de Lucas, convidamos-vos a seguir o mesmo caminho com estes dois discípulos.

Começemos por recordar brevemente o contexto desta passagem do Evangelho.

No capítulo anterior temos o julgamento de Jesus, a sua condenação por Pilatos, depois a Paixão, a morte e o sepultamento. E o capítulo 24 conclui o Evangelho de Lucas e constitui uma abertura para o livro dos Atos dos Apóstolos. O mesmo capítulo começa citando que *“no primeiro dia da semana, ao amanhecer, as mulheres foram ao sepulcro levando os aromas que tinham preparado. Encontraram a pedra removida do sepulcro e, ao entrarem, não encontraram o corpo do Senhor Jesus.”*

Notamos tudo o que indica a morte, o fim de uma história. Nada mais a esperar. Depois, o encontro das mulheres (Maria Madalena, Joana e Maria mãe de Tiago) com os dois anjos. De acordo com a tradição judaica, elas tinham de ir ao sepulcro para cuidar de um corpo morto que tinham visto com os seus próprios olhos na cruz. Elas não esperavam esta pergunta: *“Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo...”*

Elas relatam aos Apóstolos o que viram e ouviram (ou, mais precisamente, o que não viram). Mas as suas palavras pareciam como que um delírio,

uma ilusão. Ninguém acredita nelas. O próprio Pedro foi ao sepulcro e viu as ligaduras de linho, o sepulcro vazio, mas voltou para casa espantado com o que tinha acontecido.

Por isso, propomos agora que paremos, que abrandemos o ritmo do nosso dia-a-dia e que dediquemos algum tempo a estes dois discípulos. O caminho de Emaús é, antes de mais, um caminho geográfico, embora seja difícil dizer onde estava localizada a antiga vila de Emaús. Mas é também, e acima de tudo, um caminho espiritual para cada um de nós. Desde a ressurreição de nosso Senhor, todos os nossos caminhos de vida podem, de facto, tornar-se caminhos para Emaús, onde o Ressuscitado se quer juntar a nós. Caminhemos ao lado dos discípulos de Emaús, venhamos fazer companhia a estes dois peregrinos no seu caminho, que se torna o nosso na fé. Tentemos estar presentes no evento e apropriarmo-nos do local. Tomemos a estrada de Jerusalém para Emaús. Juntemo-nos a estes discípulos nos seus pensamentos e até nas suas emoções.

O que pode significar para nós este primeiro dia da semana que aqui mencionamos? De facto, é o 8º dia, o Dia da Ressurreição. Estamos plenamente num tempo novo que rompe com tudo o que nos precede. Um novo começo, uma nova história que começa, uma vida que se renova.

Quem são esses dois discípulos? Não eram recém-chegados. Há muito tempo que eles seguiam o Senhor. Durante meses, tinham visto os seus milagres, escutado as suas palavras e tinham acabado por acreditar nele. Estavam com os Onze quando as mulheres vieram relatar o que tinham vivido. Ouviram-nas. Mas, para eles, agora tudo tinha acabado. Regressam às suas vidas antigas. Tristes, desanimados e resignados, abandonaram a comunidade de discípulos. Para eles era difícil compreender, acreditar, esperar mais. Teria sido mais fácil voltar atrás e ficar o mais longe possível de Jerusalém. Estão mesmo dispostos a caminhar ao arrepio dos seus desejos mais profundos.

O que representa Jerusalém para eles? É a cidade da presença de Deus, o lugar do Templo onde está "O Santo dos Santos", mas Jerusalém é também o centro do poder e do sucesso. Que Deus esperavam nesta cidade? Quais eram as suas expectativas, os seus sonhos? Um Deus vitorioso, dominando através do exercício do seu poder. Um Deus libertador que vinha libertar o seu povo do domínio dos romanos e devolver-lhe a liberdade. Não esperavam uma morte tão humilhante. Que decepção! Que derrota! Que vergonha!

E nós hoje?

Tal como estes dois discípulos, por vezes distanciamos-nos de Cristo. Mesmo que ainda nos afirmemos crentes, cortamos as pontes com a fé e com a esperança. Para nós, Jesus ficou no sepulcro. Afundamo-nos na tibieza. O nosso fervor, o nosso entusiasmo, a nossa paixão são agora apenas uma memória distante.

Se examinarmos a nossa própria concepção de Deus, para nossa surpresa podemos descobrir que construímos falsas imagens desse Deus:

- Alguns confiam num Deus Todo-Poderoso. Um poder tal que o reduz a um Deus intervencionista que tem de gastar o seu tempo a fazer o curto-circuito dos acontecimentos que tecem a nossa história para tornar a nossa vida alegre e fácil. Um Deus que nos protege de todo o tipo de sofrimento.
- Outros rebelam-se diante da imagem de um Deus espectador que abandona os seres humanos à sua sorte, tão lento a responder aos gritos do seu povo para deter o poder do mal. Um Deus Silencioso diante do sofrimento e até profundamente ausente.
- Outros podem procurar um Deus mágico que responda aos desejos dos Seus filhos, porque Ele é um Deus Bom, tão afetuoso e amoroso.
- Ou ainda, alguns temem a imagem de um Deus que nos persegue para avaliar as nossas ações ou mesmo os nossos pensamentos e que a seguir é capaz de nos afligir com castigos.

Todas estas falsas imagens e muitas outras são preconcebidas nas nossas mentes, fruto da história pessoal de cada um. Podem impedir-nos de

encontrar o Senhor e de Lhe pedir a graça de nos revelar o Seu verdadeiro Rosto. Só na intimidade de um encontro pessoal é que o nosso Deus nos revelará o seu rosto e o seu modo de agir na nossa vida. Se Cristo não tivesse vindo ao encontro dos discípulos, sem dúvida eles teriam continuado o seu caminho e desaparecido no anonimato. Mas Cristo, com o coração ardendo de amor, aproxima-se deles e este encontro pessoal com Ele mudou as suas vidas. O grande teólogo jesuíta, François Varillon, escreve: «Deus não é todo-poderoso, é o seu amor que o é. Descobriremos o Seu Amor através de todas as feridas que Lhe causamos e que Ele nunca cessa de perdoar.»

E a nossa vida em casal?

Num qualquer momento de nossas vidas começámos a nossa vida de casal com uma ideia preconcebida do que poderia ser a nossa vida juntos. Tínhamos expectativas, aspirações, sonhos... E às vezes, num dado momento, paramos diante de eventos inesperados, muitas vezes indesejados, experiências de fracassos, dificuldades relacionais até mesmo nas nossas relações com os nossos filhos, perdas, lutos, decepções até mesmo na nossa relação. O outro já não dá resposta ao que eu aspirava, um dado acontecimento, uma dada realidade estão longe do que eu queria. Isto pode surpreender-nos em qualquer momento da nossa vida, juntos. Momentos de queda livre, tempos dolorosos. Um de nós, ou às vezes ambos, encontramos-nos fracos, frágeis, desanimados, desesperados. O horizonte já não brilha. Queremos largar tudo, ceder, baixar os braços e afundarmo-nos na morte de um amor que um dia nos uniu. Este é o tempo das crises e das derrotas. Às vezes até atiramos pedras um ao outro "a culpa é dele, é dela", "não é a vida que eu queria"... São muitos os desafios que podem prejudicar a nossa identidade de casal (a imagem que construí do outro e da nossa vida em conjunto que deve dar resposta às minhas próprias necessidades, a imagem do cônjuge-herói, do cônjuge-perfeito, a imagem de uma vida perfeita...).

Algumas experiências também nos podem abalar no plano espiritual. E questionamos a nossa visão de Deus e da nossa missão. Já não temos a

certeza da nossa vocação, do apelo que nos foi dirigido no momento da nossa consagração no sacramento do matrimônio.

Na nossa «Jerusalém», em certas situações da nossa vida, somos tentados a crucificar Deus, a eliminá-lo da nossa vida, das nossas cidades, das nossas decisões importantes. Só pensamos n'Ele quando há grandes catástrofes ou para decorar as nossas festas de família. É este o drama que acaba de ser revelado no caminho de Emaús. É também disso que falam os discípulos de Emaús quando fogem de Jerusalém, onde tinham acreditado oito dias antes que todas as suas esperanças se realizariam.

Se Lucas relata com tanto detalhe esta conversa e este encontro na estrada, talvez seja para nos permitir juntarmo-nos a este desespero dos discípulos. Esta cegueira que muitas vezes é a nossa deixa-nos com o sabor amargo do fracasso e da melancolia. Fica-se então com a impressão de que, mesmo que a fé não desapareça, já não tem muita utilidade.

Mas observemos uma coisa, um pequeno detalhe: apesar da derrota, da decepção e da longa duração da marcha, os dois discípulos permaneceram juntos. Continuaram a caminhar, com esta derrota e o seu cansaço, desesperados, mas mantendo-se unidos. Na nossa vida a dois, em família, aceitamos caminhar juntos em todas as circunstâncias? Se um de nós se encontra mais em provação, será que o outro pode ser um bom apoio? Caminhar ao seu ritmo, ter paciência, acompanhar, esperar...?

E o mundo em que vivemos?

Um mundo que mergulha cada vez mais nas trevas de todos os tipos: alterações climáticas e catástrofes naturais, violência e guerras, indiferença e injustiça, abuso de poder e exploração... sofrimento e morte, armas e destruição... uma lista interminável que não gera nada além da ansiedade, do medo, do desânimo e da decepção. Qual seria a nossa posição diante destas dolorosas realidades? Indiferença ou compaixão? Passividade ou contribuição? Perante a angústia, somos chamados a intervir. Contemplemos os exemplos de figuras humanas que acreditaram na força do amor, não aquela que provém dos nossos próprios esforços, mas do Amor que extraímos da fonte de todo o Amor. (São Vicente de

Paulo, Madre Teresa, Irmã Emmanuelle, Padre Pedro nas favelas de Madagáscar, Raoul Follereau... e muitos outros desconhecidos que trabalham discretamente nos caminhos da nossa Humanidade). Uma alma que se eleva, eleva o mundo. Um gesto feito com amor e ternura contribui para uma nova criação. Esta é a nossa esperança. Estamos todos interligados. A imagem das gotas de água que, juntas, compõem o oceano.... Deixemo-nos interpelar por esta imagem.

Um vislumbre de esperança: Trecho de uma homilia do Papa Francisco. (Fonte: Sala de Imprensa da Santa Sé, 28 de julho de 2022)

“A viagem dos discípulos de Emaús, que encontramos na conclusão do Evangelho de São Lucas, é uma imagem do nosso caminho pessoal e da Igreja. Na estrada da vida, e vida de fé, ao levarmos por diante os sonhos, os projetos, os anseios e as esperanças que habitam no nosso coração, embatemos também nas nossas fragilidades e fraquezas, experimentamos derrotas e decepções e, às vezes, ficamos prisioneiros de uma sensação de fracasso que nos paralisa. O Evangelho anuncia-nos que, mesmo em tais momentos, não estamos sozinhos: o Senhor vem ao nosso encontro, coloca-Se ao nosso lado, caminha pela nossa própria estrada com a descrição dum amável viandante que deseja reabrir os olhos e inflamar de novo o nosso coração. E quando o fracasso deixa espaço ao encontro com o Senhor, a vida reabre-se à esperança e podemos reconciliar-nos connosco, com os irmãos e com Deus. Sigamos então o itinerário deste caminho que poderíamos intitular do *fracasso à esperança*.

Trata-se duma experiência que tem a ver também com a nossa vida e o próprio caminho espiritual, em todas as ocasiões em que somos obrigados a redimensionar os nossos anseios e a lidar com as ambiguidades da realidade, com as obscuridades da vida, com as nossas fraquezas. Acontece-nos sempre que os nossos ideais se deparam com as decepções da existência e os nossos propósitos são menosprezados por causa das nossas fragilidades; quando cultivamos projetos de bem, mas depois não temos a capacidade de os realizar (cf. Rm 7, 18); quando mais cedo ou

mais tarde, nas atividades que realizamos ou nas nossas relações, experimentamos alguma derrota, algum erro, um fracasso, uma queda, vendo desabar aquilo em que tínhamos acreditado ou nos tínhamos empenhado e sentindo-nos ao mesmo tempo esmagados pelo nosso pecado e os sentimentos de culpa...

Aqui, porém, devemos ter cuidado com a tentação da fuga, presente nos dois discípulos do Evangelho: fugir, percorrer em sentido inverso o caminho, escapar do lugar onde sucederam os factos, tentar removê-los, procurar um «lugar tranquilo» como Emaús para esquecer-los. Não há nada pior, perante os fracassos da vida, do que fugir para não os enfrentar. É uma tentação do inimigo, que ameaça o nosso caminho espiritual e o caminho da Igreja: ele quer fazer-nos acreditar que aquele fracasso já seja definitivo, quer paralisar-nos na amargura e na tristeza, convencer-nos de que não há mais nada a fazer e, conseqüentemente, não vale a pena encontrar uma estrada para recomeçar.

O Evangelho, ao contrário, revela-nos que precisamente nas situações de decepção e tristeza, precisamente quando, atónitos, experimentamos a violência do mal e a vergonha da culpa, quando o rio da nossa vida seca no pecado e no fracasso, quando, despojados de tudo, nos parece não ter mais nada, precisamente então é que o Senhor vem ao nosso encontro e caminha connosco...”

Uma mensagem de esperança (da carta do Padre Caffarel a todos os lares desunidos)

"Aos lares desunidos, tenho uma coisa a dizer: nunca se resignem à desunião. Com efeito, é preciso não esquecer que contrair o Matrimónio é comprometer-se a não deixar de desejar e de procurar uma união total. Este compromisso é assumido a dois, mas depois um não fica livre porque o outro o negligencia ou nega. O grande erro de tantos cristãos casados é desistirem de trabalhar pela união, de aceitarem a divisão. Não falham menos aos seus compromissos aqueles que trabalham por esta união sem acreditar nela, sem a querer verdadeiramente.

A harmonia conjugal não é um objeto de luxo ou conforto, razão pela qual os cônjuges não têm o direito de a ela renunciar. É necessária, para eles próprios e para muitos outros. A sua discordância prejudicaria tanto os outros como a si próprios. Em vez de ser o grande meio de aperfeiçoamento para o homem e para a mulher, um lar onde se instala a desunião torna-se o terreno fértil para todos os pecados mortais e muitas vezes leva à falência moral de um ou de ambos os cônjuges. E enquanto o clima de amor é para os filhos a condição primordial para o seu desenvolvimento físico e moral, a desunião dos pais rasga algo no mais íntimo do seu ser. A própria sociedade sofre com este fracasso de um lar; para ela, já não é uma célula viva, que dá calor e luz, mas um tumor que se desenvolve em detrimento do corpo social. Por fim, acrescentemos que um lar desunido, em vez de ser um louvor à glória do Amor divino, é uma nota falsa na sinfonia da criação."¹

Testemunho

Somos Berta Horta e Edgar Laura, membros das Equipas de Nossa Senhora de Pemba. Pemba é a capital da província de Cabo Delgado, a província mais setentrional de Moçambique. Vamos testemunhar sobre como vivemos os atentados terroristas em Cabo Delgado, no bairro de Mocímboa da Praia.

Em 23 de março de 2020, às 4h da manhã, teve início o segundo ataque. Desta vez muito mais agressivo e aterrorizador: inúmeras pessoas foram decapitadas. Um grande número de pessoas perdeu a vida durante estes novos ataques. Muitas dessas pessoas eram nossas amigas. Vivemos esses confrontos com medo e desorientação, sem saber o que fazer. Estávamos constantemente cheios de medo, em pânico e com medo de que as nossas casas fossem incendiadas. Temíamos seriamente pelas nossas vidas. No meio de todos estes massacres e para nos protegermos, fomos obrigados a abandonar as nossas casas e a esconder-nos na vegetação, nos arbustos e debaixo das árvores baixas que rodeavam as

¹ Henri Caffarel, Carta às Famílias Desunidas, *Révue de l'Anneau d'Or*, edição especial "Amor e Sofrimento", nº 15-16 maio-agosto 1947

nossas casas. O nosso bairro, localizado à entrada da cidade, era cercado por muita vegetação e arbustos, era o Bairro 30 de julho. Começámos a notar que muita gente corria, fugindo de todos os lados e de outros bairros, connosco e com alguns vizinhos, que também fugiam e corriam para salvar as suas vidas. Homens, mulheres, crianças, idosos, pessoas de todas as idades fugiam com medo de serem massacrados e assassinados.

No dia seguinte, ainda escondidos e conscientes do grande perigo que nos esperava, tivemos de tomar a decisão das nossas vidas: não tivemos outra alternativa senão tentar fugir da aldeia e de nos abrigarmos. No meio de toda esta angústia, medo e terror, agradecemos a Deus porque apesar do medo, dos sustos e de tudo o que vivemos, nada de grave aconteceu à nossa família ou às pessoas que estavam connosco. Todos os dias e durante todo o tempo, agradecemos ao nosso bom Deus. Tivemos de deixar para trás tudo o que tínhamos adquirido ao longo de vários anos a trabalhar no Norte. Só conseguimos sair com alguns documentos pessoais e as nossas roupas, pois os poucos carros que havia nem tinham espaço suficiente para transportar nada além de fugitivos como nós. Tivemos por isso de deixar todos os nossos bens e pertences para trás.

Quando chegámos a Pemba, graças a Deus e à preciosa ajuda dos nossos queridos irmãos e irmãs das Equipas de Nossa Senhora, fomos capazes de retomar gradualmente as nossas vidas e de superar todo o terror que tínhamos vivido. Em Pemba fomos calorosamente recebidos e hospedados na casa da minha sogra, os pais da minha esposa Berta. Ficámos num espaço muito pequeno, mas em total segurança. Graças à inestimável ajuda dos nossos queridos irmãos e irmãs das Equipas de Nossa Senhora, conseguimos ultrapassar gradualmente as dificuldades e traumas que tínhamos vivido. O seu apoio tem sido incondicional e fundamental para nós. Na equipa que nos acolheu, os conselhos, a partilha, a fraternidade e a amizade que recebemos foram uma força muito grande para nos ajudar a ultrapassar as dificuldades que encontrámos e, pouco a pouco, fomos conseguindo reconstruir e recuperar as nossas vidas. Uma vez que tínhamos perdido tudo, tivemos de começar do zero. Não foi nada fácil. Agradecemos ao nosso bom Deus, porque já

conseguiram transferir o meu trabalho para Pemba e estou agora oficial e definitivamente nesta cidade. Tentando avançar pouco a pouco, estamos no processo de reconstrução da nossa nova casinha para que possamos voltar e ter o nosso próprio espaço familiar. Não voltámos a Cabo Delgado desde que chegámos a Pemba. Admitimos que temos medo e que nem sabemos se algum dia voltaremos. Nem sequer queremos imaginar como estarão os nossos bens que tivemos de deixar para trás, em que estado se encontram agora, ou mesmo se ainda existem... Aos poucos, com a graça de Deus, com a ajuda da nossa família e dos nossos irmãos das Equipas de Nossa Senhora, vamos percorrendo o nosso caminho e superando os traumas que vivemos, reconstruindo a pouco e pouco a nossa nova vida.

Berta e Edgar

Rezemos juntos

Também hoje, Senhor, Te juntas a nós nas nossas viagens humanas que muitas vezes se assemelham ao caminho de Emaús.

Também a nós nos parece que vagueamos por caminhos escuros onde não sabemos a que nos agarrar. Como os discípulos, nem sempre nos apercebemos da Tua presença nas nossas vidas, nos nossos sofrimentos, nas nossas desilusões e nos nossos desânimos.

Deus, nosso Pai, temos muitas vezes dificuldade em discernir os sinais da Tua presença no coração do mundo e no coração das nossas vidas. Abre os nossos corações à Tua Palavra. Que a Tua presença nos torne mais fortes perante as dúvidas e os desânimos. Faz-nos descobrir que o Teu Filho caminha connosco nas estradas da nossa vida. Ele que está vivo contigo e com o Espírito Santo, agora e para todo o sempre. Amém.

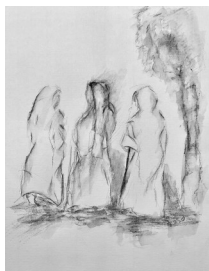
Perguntas para partilhar em casal

1. Nos momentos difíceis que podem cruzar a nossa vida de casal, qual seria a nossa relação com Deus? Tal como os discípulos de Emaús, viramos-Lhe as costas e voltamos atrás na nossa fé? Ousamos expressar-Lhe as nossas deceções, as nossas derrotas com confiança? Quais são os obstáculos que podem sufocar essa confiança?

2. Durante a nossa caminhada juntos, deixamos espaço para exprimir as nossas emoções e para a partilha profunda das nossas experiências pessoais com todos e com cada um? Com os nossos filhos? Em que medida o nosso acolhimento e a nossa escuta são marcados por um profundo respeito pelo Ser do outro, que é uma criatura sagrada criada à imagem de Deus e digna de todo o valor e apreço?

Perguntas para partilhar em equipa

1. Quais poderiam ser nossas próprias falsas imagens ou perceções de Deus? Como podem ser um obstáculo a um verdadeiro encontro pessoal com Cristo vivo que opera nos caminhos das nossas vidas?
2. Caminhar juntos, como casais e como famílias, às vezes não é muito óbvio. "São precisos dois para dançar o tango." (Sabendo que o tango é uma dança mística que une os bailarinos entre elegância e sensualidade). Quais podem ser os nossos gestos e atitudes interiores, um para com o outro, especialmente nos momentos difíceis da nossa relação e que refletem a nossa comunhão mais profunda e a nossa união inseparável.



Cap. 2: No coração da nossa história

"E aconteceu que, enquanto eles conversavam e debatiam, o próprio Jesus, aproximando-se, pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer." (Lc 24,15-16)

Somos a criação de Deus, o fruto do seu Amor eterno. Somos chamados a não passar a vida na terra permanecendo na superficialidade, na mediocridade, aprisionados pelo medo, pela busca da riqueza mundana, pelo poder... Por outro lado, reconhecemos que também somos criaturas limitadas no tempo, no espaço, pelos nossos próprios sentidos... Enquanto que o nosso Deus é o Infinito, o Imortal, Ele está fora do tempo e do espaço.

Um Deus eterno faz-se tão pequeno para nos encontrar

Para nossa grande surpresa, eis que o nosso Deus escolhe fazer-se pequeno, abraça a nossa humanidade, tornando-se homem. Ele continua a aproximar-se e a percorrer os nossos caminhos. O seu propósito é apenas revelar-nos a sua Imagem, revelar o seu Rosto, revelar o seu Amor. Voltemos aos nossos dois discípulos no caminho de regresso. Não sabemos exatamente quem eram. Não estavam no grupo dos doze. Faziam parte do grupo de setenta e dois que Jesus enviara em missão? É possível, mas o Evangelho não o certifica; em todo o caso, eram pessoas atentas à mensagem de Nosso Senhor, mas que a viam à sua maneira. No primeiro capítulo, descobrimos que eles pensavam que Jesus era o tão esperado grande profeta que iria libertar Israel, atribuíam-lhe um papel fundamentalmente político. E agora Jesus ressuscitado aparece-lhes, de um modo que tiveram dificuldade em O reconhecer. Era qualquer coisa exterior, um impedimento na sua aparência física? Mas o Evangelho é preciso ao dizer que eles estavam «impedidos» de o reconhecer. Portanto,

pode ser uma ação interior e provavelmente divina, é sem dúvida uma combinação das duas coisas. De qualquer forma, Deus não queria que O reconhecessem, precisamente porque lhes faltava fé, ou pelo menos, porque tinham uma percepção do Messias que não era correta.

A fé abre os nossos olhos

Reconhecer Jesus ressuscitado é, antes de mais, um ato de fé. Como reconhecê-lo, não como o homem que foi na sua condição biológica anterior, mas como o Senhor, elevado à direita do Pai e que dá a Vida? O que permite que os olhos deles se abram?

Na maioria dos textos posteriores à ressurreição é-nos dito que os discípulos são capazes de reconhecer nosso Senhor em resposta a uma palavra que lhes é dirigida e que lhes permite reconhecer profundamente quem é Jesus.

Uma jovem freira africana contava durante um retiro com a sua comunidade: "O missionário que orientava o retiro colocou um ramo de flores sobre uma mesa, flores muito comuns na nossa região. O que pensam disto? Perguntou-nos o padre. Respondemos-lhe que há muitas flores semelhantes por todo o lado. Ele mostrou-nos então como eram lindas essas flores. Ele ensinou-nos a vê-las. Finalmente vimos essas flores, conseguimos reconhecê-las."

Talvez o mesmo aconteça com a fé em Cristo ressuscitado. (Aprofundaremos este aspeto no Capítulo 5).

E cada um de nós hoje?

Em tempos de provação, confrontados com os dramas da vida, derrubados por acontecimentos que vão contra as nossas expectativas, as nossas aspirações... Também a nós, como a estes dois discípulos, os nossos olhos podem ser impedidos de O reconhecer, quando se aproxima de nós, ou mesmo mais, quando caminha connosco. Perdemos toda a confiança. Este grande dia da ressurreição mudou a história, mas é para nós difícil ver como pode mudar a nossa.

À luz da sua ressurreição, como podemos crer profundamente na sua Providência? Deus dá-nos luz suficiente para que seja possível crer e deixa sombra suficiente para que crer permaneça um ato livre a realizar, uma escolha a ser feita. Alguns dizem que o ato de fé é a condição de uma fé em ação. Para alguns, a fé parece ser um impulso espontâneo, feliz, radiante... para outros, parece mais um debate difícil, doloroso, constantemente repetido. O erro é pensar que os primeiros têm mais fé. A experiência das trevas faz também parte do mistério da fé. Na Bíblia, as lágrimas da noite alternam com os gritos de alegria pela manhã (Salmo 30:6). Vemo-lo também na vida de Jesus: a glória no Tabor e a aniquilação no Getsémani. E encontramos-lo no testemunho dos místicos que experimentam as visões mais fervorosas, bem como as desolações mais avassaladoras.

A fé é um dom e uma resposta

A beleza da fé, o milagre da fé, é que ela é o encontro entre graça de Deus que dá a fé e a liberdade do homem que oferece a sua fé. Um encontro terreno e incompleto agora, mais tarde um encontro celestial que dará lugar à visão do Pai. Ela é-nos dada plenamente em Jesus: pela sua encarnação, Ele vem ajudar-nos na terra e, através da sua ressurreição, abre-nos o céu.

E a nossa vida em casal?

Os dois discípulos de Emaús conversavam e interrogavam-se: superar a provação é também, e muitas vezes, começar por gritar, chorar, revoltar-se.

O primeiro passo é admitir a derrota. Passar a provação é, antes de tudo, gritar, chorar, revoltar-se e não recuperar imediatamente. Os salmos estão cheios destes gritos e lágrimas: "Do abismo gritei contra ti". E a Bíblia permite ao homem viver esta revolta, como observa Olivier Belleil (um leigo casado para quem, desde a sua redescoberta de Cristo, a paixão tem sido partilhar a fé que o sustenta). Não se trata de blasfemar, mas de dizer que é intolerável. Job chega ao ponto de perguntar a Deus: "Por que és meu adversário?"

Denunciar a provação que se abate sobre nós, dar-lhe um nome, ver todo o seu carácter insuportável, é uma prova de realismo. "Devemos sair da provação mas, para a superar, devemos começar por a experimentar. Não é negando a realidade que nos esquivamos do seu golpe." (Martin Steffens, filósofo cristão, vencedor do Prémio Humanista Cristão e do Prémio de Literatura Religiosa).

Que atitude adotar? Resignar-se ou consentir?

O consentimento não significa, em caso algum, resignação mórbida ou complacência. O desafio é abrimo-nos a toda a vida, aprender a improvisar, a partir das dissonâncias e não apesar delas, a melodia da nossa felicidade. Aceitar a deficiência de uma criança, concordar em viver com um espinho na carne pode preencher uma vida inteira, com altos e baixos. O caminho não é linear. Isto requer uma mudança interior.

Na provação, a única coisa que depende de nós mesmos é a maneira de a assumir, de encarar as coisas. Ser-nos-á útil perceber que, para consentir, temos de abdicar de certos comportamentos, renunciar aos "**porquês**" sobre a morte do marido, renunciar dos "**ses**", "se o meu filho/marido ainda cá estivesse..." Tantas frases sem saída que são verdadeiros venenos, pois podem impedir-nos de avançar. Na provação, a única coisa que depende de nós mesmos é a maneira de a assumir, de encarar as coisas. Na maioria das vezes sem compreender. O que Deus nos pede em primeiro lugar é precisamente depositar n'Ele toda a nossa confiança, acreditar que esta provação tem um sentido, aceitar que não O conhecemos e abandonarmos totalmente nos braços do Pai. É uma graça, um fruto da oração, especialmente da oração dos outros.

Aceitar não significa já estar aliviado. Vai ser necessário o tempo da convalescença, suportar os dias cinzentos até à cicatrização. A sabedoria popular diz: dar tempo ao tempo. Isso exige muita paciência e atos de esperança, uma disponibilidade para existir, para o trabalho que a vida realizará em nós. Renascer não é apagar tudo e recomeçar de novo, é viver um novo começo, com as nossas cicatrizes que permanecem tal como os estigmas de Jesus. Algumas feridas não desaparecem.

O nosso matrimónio é um caminhar a dois. Em tempos difíceis, conversamos e interrogamo-nos um ao outro... por vezes, as nossas discussões tornam-se acusações mútuas. O outro é o culpado, mesmo que a culpa não seja totalmente dele. Tornamo-nos estranhos um para o outro. A dor às vezes é tão aflitiva que nos remete de volta à nossa bolha, ao isolamento frio, à solidão sufocante.

O próprio Jesus aproximou-se dos dois discípulos, não de repente, nem brutalmente, nem à força. Aproximou-se, respeitando as suas vontades. Estava disponível para mudar os seus planos para os encontrar, seguiu-lhes os passos, submeteu-se à vontade deles. Este é o nosso Deus, sempre pronto a humilhar-se. Apenas contabiliza o Amor. Um Amor que se inclina para se colocar ao nosso nível, um Amor que se desvanece, que recua para nos dar espaço. Um Amor que confia em nós, que nos coloca tão alto, que nos faz cocriadores com Ele. Somos tão belos aos Seus olhos que está ansioso para se tornar Um connosco, para se unir a nós e para nos unir a Ele em profunda comunhão.

A imagem do nosso Deus ensina-nos a caminhar juntos

Contemplando esta imagem de um Deus assim, poderíamos nós, como parceiros, ter o mesmo olhar, esta mesma atitude de um para com o outro, no nosso caminho de vida a dois?

Poderíamos ter essa mesma compaixão um pelo outro?

A partir do momento em que ficamos cegos pela crueldade dos acontecimentos, pelo medo, pela angústia, poderíamos acender juntos o fogo da fé? Entreajudarmo-nos para que a nossa fé seja uma decisão? Uma fé que clama: Senhor, Tu estás presente connosco, mesmo que os nossos olhos estejam impedidos de te reconhecer, de reconhecer o teu rosto, de reconhecer a tua vontade, de reconhecer o sentido do que acontece na nossa vida... estamos confiantes de que nos acompanhas e guias os nossos passos. Mais ainda, Tu respeitas a direção que tomamos, Tu mudas os Teus planos por nós e Tu és capaz de transformar tudo para nos conduzir à salvação de nossas almas. Mesmo que nossos olhos sejam impedidos de Te reconhecer, confiamos que Tu nos carregas nos teus braços. É

sobretudo nesses momentos de fragilidade que a força do Teu Amor irradiará.

E o mundo em que vivemos?

Ouvimos à nossa volta discursos de desespero sobre o mundo em que vivemos. Num ou noutro momento, nós mesmos começamos a clamar com o profeta Habacuc: "Até quando, Senhor, pedirei ajuda sem que Tu me escutes, até quando te gritarei "Violência!", sem que Tu salves... e ficas a olhar para a malícia?" E agora a resposta de nosso Senhor vem na forma de uma promessa: "Pois aquele que é arrogante não tem uma alma reta, mas o justo viverá pela sua fé!". Um convite para caminharmos na fé.

Depois de ter clamado com o profeta, somos convidados a abrir o nosso coração. Sentimos a nossa fraqueza e imploramos a Cristo Salvador: "Senhor, aumenta a nossa fé". Ajuda-nos a não desesperar, a ver mais longe e mais alto do que as aparências, a avançar na luz. Cristo não nos pede uma fé gigantesca, mas antes uma fé simples e modesta como uma pequena semente. Isso é suficiente para dar resposta às nossas angústias e às do nosso mundo. Sim, isso é suficiente para mover e transformar a nossa humanidade que muitas vezes anda à deriva. É um pouco como alguma luz que é suficiente para dissipar a escuridão e voltar a dar esperança. Foi o que o Papa enfatizou na sua encíclica "Lumen Fidei", que é um texto magnífico e cheio de esperança. A fé, ensina este documento da Igreja, centra-nos em Cristo, que é a Luz do mundo, a nossa luz: «A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como num espelho, e assim se difunde chegando até nós, para que também nós possamos participar desta visão e refletir para outros a sua luz, da mesma forma que a luz do círio, na liturgia de Páscoa, acende muitas outras velas. A fé transmite-se por assim dizer sob a forma de contacto, de pessoa a pessoa, como uma chama se acende noutra chama. Os cristãos, na sua pobreza, lançam uma semente tão fecunda que se torna uma grande árvore, capaz de encher o mundo de frutos.»

Um excerto do relato do Padre Caffarel sobre a sua vocação

"É porque, no mês de março de 1923, há exactamente cinquenta anos, um dia em que tomei consciência da existência de Cristo, da vida de Cristo, do amor de Cristo, da relação de amor entre Cristo e o homem em que consiste a vida cristã, que essa foi para mim a linha de separação das águas.

Há um antes de março de 1923, há um depois desse março de 1923.

Isso marcou-me e, desde esse dia, só tenho um desejo: entrar mais profundamente nesta intimidade com Cristo e este outro desejo de conduzir os outros a fazê-lo, porque isso foi crucial na minha vida, deu-me a alegria de viver, a graça de viver, o impulso para viver.

Por isso, não posso deixar de desejar aos outros este encontro com Cristo vivo, esta descoberta de que Deus é amor".

Excerto da primeira encíclica do Papa Francisco "Lumen Fidei".²

Fé e Família

52. «Penso, antes de mais nada, na união estável do homem e da mulher no matrimónio. Tal união nasce do seu amor, sinal e presença do amor de Deus, nasce do reconhecimento e aceitação do bem que é a diferença sexual, em virtude da qual os cônjuges se podem unir numa só carne (cf. Gn 2, 24) e são capazes de gerar uma nova vida, manifestação da bondade do Criador, da sua sabedoria e do seu desígnio de amor. Fundados sobre este amor, homem e mulher podem prometer-se amor mútuo com um gesto que compromete a vida inteira e que lembra muitos traços da fé: prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos, que nos sustenta e permite doar o futuro inteiro à pessoa amada.

Em família, a fé acompanha todas as idades da vida, a começar pela infância: as crianças aprendem a confiar no amor de seus pais. Por isso, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos. Sobretudo os jovens,

² Papa Francisco, Carta Encíclica, *Lumen Fidei*, 2013

que atravessam uma idade da vida tão complexa, rica e importante para a fé, devem sentir a proximidade e a atenção da família e da comunidade eclesial no seu caminho de crescimento da fé. Todos vimos como, nas Jornadas Mundiais da Juventude, os jovens mostram a alegria da fé, o compromisso de viver uma fé cada vez mais sólida e generosa. Os jovens têm o desejo de uma vida grande; o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude. A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas a dilatação da vida: faz descobrir uma grande chamada — a vocação ao amor — e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque os seus alicerces se encontram na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade.

Uma força consoladora no sofrimento

56. Falar da fé comporta frequentemente falar também de provas dolorosas, mas é precisamente nelas que São Paulo vê o anúncio mais convincente do Evangelho, porque é na fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento. ... Na hora da prova, a fé ilumina-nos; e é precisamente no sofrimento e na fraqueza que se torna claro como «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (2 Cor 4, 5). ... O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se ato de amor, entrega nas mãos de Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor. Contemplando a união de Cristo com o Pai, mesmo no momento de maior sofrimento na cruz (cf. Mc 15, 34), o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus; até a morte fica iluminada, podendo ser vivida como a última chamada da fé, o último «Sai da tua terra» (cf. Gn 12, 1), o último «Vem!» pronunciado pelo Pai, a quem nos entregamos com a confiança de que Ele nos tornará firmes também na passagem definitiva.

Testemunho

Era um dia comum em agosto de 2022 e em casal participávamos, como habitualmente, numa reunião social com a nossa equipa, onde costumamos rezar um terço, partilhar alimentos com os nossos companheiros de equipa e criar laços num diálogo leve que preenche o nosso espírito com o conhecimento de que os nossos amigos tinham passado bem (e por vezes menos bem) o mês anterior.

À tarde, chegámos em casa e seguimos a rotina da noite. Quando entrámos no quarto da nossa neta (que vivia connosco desde o nascimento), apercebemo-nos que o seu corpo estava sem vida. Era uma princesinha, era a nossa princesinha e durante 5 anos tinha iluminado as nossas vidas, com tanta luz, como só um amor sobrenatural pode fazer.

Um ano antes...

Fomos convidados pelo casal responsável pela SRHS (Supra-Região Hispano-América do Sul) para servir como o casal responsável pela Região Sul do Equador, inesperada e imerecidamente chamados para um serviço para o qual não nos sentíamos preparados. Depois de um rápido discernimento em casal, dissemos SIM, deixando tudo nas mãos de Deus e esperando que Ele guiasse o nosso caminho neste novo chamamento ao serviço.

Não compreendíamos por que tínhamos sido escolhidos. Não sabíamos o que Deus nos reservava.

Esta nova responsabilidade batia-nos à porta, ao fim de 12 anos no movimento e depois de termos exercido algumas responsabilidades. O Movimento tinha conseguido melhorar a nossa relação como casal e fazer de Deus a terceira parte da nossa união; "... um cordão dobrado em três não se quebra...".

Pouco depois de o Movimento ter entrado nas nossas vidas, íamos à missa todos os domingos, a Eucaristia era o nosso alimento dominical para toda a semana, rezávamos sozinhos e juntos todos os dias, participávamos nos retiros anuais, fomos sempre ativos nos serviços e nos apostolados do Movimento, tínhamos conseguido comunicar à nossa família e aos amigos como era bom aproximarmo-nos de Deus, sentíamos que estávamos a ter

sucesso, sentíamos que estávamos a atingir aquela sintonia com Deus que até então não tínhamos merecido.

Mas naquela noite, a noite em que nossa princesinha inesperadamente deixou esta vida terrena, interrogámo-nos:

O que aconteceu, o que fizemos de errado, onde falhámos?

Não compreendíamos nada, tínhamos muitas perguntas e poucas respostas.

Como os dois peregrinos de Emaús, estávamos, como casal, imensamente tristes e desorientados. Sentimo-nos vulneráveis e frágeis.

As horas que se seguiram à perda da nossa princesinha foram marcadas por uma ferida aberta que sangrava. Precisávamos do amor, da atenção e da compaixão da nossa família e dos nossos amigos mas, acima de tudo, do amor, da atenção e da compaixão de Deus.

Nos dias seguintes, na confusão e na esperança, a nossa rotina continuou. Caminhámos de mãos dadas esperando o reconforto há muito esperado.

E aconteceu...

Esta dor, se não fizéssemos parte no Movimento, teria sido nada menos do que devastadora. Ter-nos-ia aniquilado enquanto pessoas, enquanto casal e, portanto, enquanto família.

Esta dor, acompanhada por Deus, era suportável e tornou-nos mais fortes como pessoas, como casal e como família.

Será que, nos planos inescrutáveis de Deus, a passagem temporária da nossa princesinha na terra tenha sido um desses acontecimentos? E se for esse o caso, talvez Deus nos tenha preparado para isso durante 12 anos (o tempo em que já estamos nas Equipas)?

Hoje, como casal, pensamos que sim...

Creemos que Ele nos preparou para um evento tão difícil, tal como preparou os nossos irmãos da Equipa 22 para nos trazerem conforto físico e espiritual.

Em conclusão, gostaríamos simplesmente de dizer que, nas misteriosas maneiras que Deus tem de agir, Ele fez-nos saber que hoje a nossa princesinha desfruta da sua presença e também quis que escrevêssemos

este testemunho de dor e de tristeza. Uma dor e uma tristeza que o próprio Deus transformou em compaixão e em reconforto.

Lorena e Pepe Luna (Região Sul do Equador)

Rezemos juntamente com o Papa Francisco para crescer na "Lumen Fidei":

"Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.

Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecemos a voz de Deus e a sua chamada. Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa.

Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor, para podermos tocá-Lo com a fé.

Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer. Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.

Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.

Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor.

Amén."

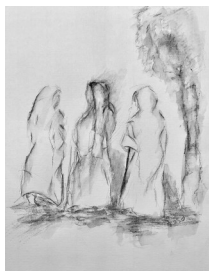
(Oração mariana do Papa Francisco incluída no final da dita encíclica para nos dirigirmos à Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé).

Perguntas para partilhar em casal

1. De que maneira me deixo inspirar no exemplo de nosso Senhor ressuscitado para saber aproximar-me delicadamente do "jardim secreto" do meu parceiro? Acolher o seu eu mais profundo numa atitude de respeito e de compaixão. Posso ter consciência de que a Sua presença na minha vida é um dom do céu a ser explorado sem parar?
2. Damos espaço para receber a fé como uma graça? Como? De que formas concretas nos podemos apoiar mutuamente para crescermos na confiança?

Perguntas para partilhar em equipa

1. Quais podem ser os obstáculos que impedem ou retardam a nossa caminhada na fé? Podemos identificá-los e nomeá-los? Como podemos apoiar-nos mutuamente para compreender melhor este aspeto da nossa humanidade sem, no entanto, deixar que ele domine ou guie as nossas vidas?
2. Como testemunhamos a nossa fé na nossa família, nos nossos relacionamentos, na nossa vida diária, na nossa igreja? É através da palavra? Ou por um modo ou estilo de vida que pode deixar os outros interrogando-se? Podemos partilhar exemplos concretos de vida sobre este ponto?



Cap. 3: Corações interpelados

"Disse-lhes, então: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?». Pararam com ar pesaroso. Um deles, de nome Cléofas, respondendo disse-lhe: «Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?». E Ele disse-lhes: «O quê?». (Lc 24,17-19)

Ele que estava bem no meio dos acontecimentos. Tinha percorrido toda a Galileia com os seus discípulos, ensinando, pregando a Boa Nova do Reino. Durante três anos do seu ministério, Jesus nunca deixou de nos revelar o Rosto de um Deus misericordioso. Foi recusado pelos fariseus e pelos mestres da lei. O Seu povo não conseguiu compreender a Sua mensagem, a ponto de acabar por ser crucificado na cruz. Então Ele que estava no centro de todos esses eventos. Ele que conhece o coração dos homens, que conhece o significado da dor, da decepção. Ele aproxima-se desses dois discípulos e pergunta-lhes: “Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?” “O quê”, respondem eles?

Jesus intervém delicadamente, inclina-se para eles. Através das suas perguntas, leva-os a refletir, talvez a ir mais longe, a olhar para além dos acontecimentos. E quando se aproxima, quando intervém, isso acontece ao Seu ritmo, à Sua maneira. Ele sabe o momento certo, Ele sabe como. Aproxima-se, mas sem se impor. Quer escutá-los, entrar no seu mundo interior, ver como eles se apercebem das coisas. É paciente, abranda o ritmo, caminha ao ritmo deles.

Este texto, com todos os seus pormenores, convida-nos a unirmo-nos a estes discípulos na sua caminhada para descobrir, para contemplar como faz Jesus. A nossa vida como pessoas e como casais é uma espécie de caminhada. Percorremos os caminhos da vida e, com os olhos da fé, tentamos ver Jesus que nos acompanha nos nossos caminhos. É Ele quem

toma a iniciativa de se juntar a nós, mesmo nos momentos mais dolorosos. Ele está no coração das nossas vidas para nos consolar.

Um Deus de relação

Quando os nossos corações estão enfraquecidos, sobrecarregados e confusos, o nosso Deus espera que falemos com Ele sobre os acontecimentos de todos os dias, sobre o que nos preocupa, o que pesa nos nossos corações, o que nos incomoda a nível pessoal, nas nossas famílias, à nossa volta, no mundo. Frequentemente dizemos a nós mesmos: mas Deus sabe tudo, conhece tudo, para quê ter o trabalho de falar com Ele? E cortamos as relações com Ele sem o saber. Não percebemos que o nosso Deus quer estar numa relação dinâmica connosco. O nosso Deus é um Deus de relação. Abre o diálogo (ao caminhar no jardim com vontade de conversar com Adão e Eva, nos relatos sobre Abraão que apresentam os encontros como uma relação que é constantemente reativada no decorrer de múltiplos diálogos). Um Deus de relação que conversa connosco como amigo. Ele é bem diferente do Todo-Poderoso ou daquele que está eternamente irado, cuja raiva deve ser apaziguada. Ele é aquele que não apaga o pavio que ainda fumeja, aquele que vai ao encontro da ovelha perdida, que se aproxima da mulher samaritana e inicia uma longa conversa com ela.

E a relação com o nosso Deus inclui um espaço para nós. Ele oferece-nos o espaço para nos expressarmos, para nos dirigirmos a Ele, sem obstáculos. Nós existimos para Ele. As nossas palavras, os nossos gritos... Ele quer ouvi-los. Somos preciosos para Ele.

Cléofas respondeu: "Serás Tu o único forasteiro..." Esta é uma das atitudes que podemos ter diante da intervenção de Deus nos nossos caminhos. Ele é para nós "um forasteiro" que não sabe, que ignora os acontecimentos da nossa vida. Afastamo-lo de nós, limitamo-nos à nossa própria percepção do mundo que nos rodeia. É difícil para nós olhar para os acontecimentos através dos seus olhos. (Discutiremos esse aspeto da nossa relação com Deus no capítulo 5.)

No caminho da confiança

A nossa vida é uma caminhada rumo à plenitude da confiança. E se disséssemos que era fácil manter a confiança, estaríamos nas nuvens. Vivemos todos uma batalha espiritual contínua para salvaguardar a fé e a confiança. A nossa vida espiritual foi e será sempre um combate porque o mal nos rodeia, está à espreita, até nos conquista por vezes internamente. Mas isso não nos deve nunca assustar porque nunca somos deixados à nossa própria sorte, não somos órfãos. Não estamos aqui, nesta vida jogada de forma aleatória, perdidos no nada. Somos uma criatura amada, desejada e salva pelo sangue do Cordeiro. O Cordeiro de Deus que se entregou por amor para nos elevar à santidade. Por isso, não tenhamos medo do combate espiritual de cada dia, que acabará por ser uma fonte de crescimento e um caminho de conversão.

Perseverança, cada dia tem o seu combate

«Se Deus é por nós, quem será contra nós?» (Rm 8, 31). Não importa a provação pela qual passamos, se entregarmos os nossos corações e as nossas vidas a Jesus, podemos ter a certeza de que o mal acabará desencorajado. A nossa fé é, antes de mais, um encontro com Jesus vivo que caminha connosco, não numa estrada da Judeia, há dois mil anos, mas aqui e agora, hoje. Quando confiarmos neste Amor que já opera nos nossos corações e nas nossas vidas, seremos curados.

O Senhor é meu pastor: nada me falta

O mais famoso dos salmos, chamado Salmo de David (Salmo 23), dá-nos esta bela imagem do pastor que cuida das suas ovelhas e as faz repousar em prados verdejantes... Ao contrário de outros animais, as ovelhas são frágeis, não conseguem defender-se com dentes ou com garras... não correm, não sabem cavar para se esconder e não sabem subir às árvores para escapar ao predador. Não conseguem o seu alimento sem a ajuda de um pastor que cuide delas. O nosso Pastor conhece a nossa fragilidade humana, conhece cada uma das suas ovelhas pelo nome. A beleza deste salmo é ainda mais acentuada por um pequeno detalhe. Não diz, o Senhor

é "um" ou "o" pastor, mas sim "o meu pastor", ele conduz-"me" às águas refrescantes, ele reconforta a "a minha alma", ele conduz-"me" pelos caminhos retos, por amor do seu nome... Este salmo continua a ser atual, é dirigido a mim, a ti, a cada um de nós, hoje.

E cada um de nós hoje?... chamado à humildade

Façamos a experiência da sua proximidade, deixemo-nos tocar pelo seu amor. Aprendamos a conhecê-Lo, a amá-Lo e a segui-Lo sempre um pouco mais. Podemos inspirar-nos na experiência de tantos homens e mulheres que, um dia, encontraram Cristo no seu caminho. Atravessou as suas vidas. Iluminou-as e transformou-as. Foram conquistados e levados por ele a alturas inauditas. Tornaram-se tochas vivas de amor por terem encontrado o olhar do Amor infinito que repousava sobre eles. Milhares e milhares de santos e mártires, conhecidos e desconhecidos, que lhe sacrificaram tudo: dinheiro, poder, amor humano... e este amor continua a crescer e a invadir a humanidade ao longo dos séculos.

Ser cristão não significa seguir uma sequência de leis e proibições. Pelo contrário, ser cristão é encontrar a pessoa de Jesus que me alimenta com a sua palavra viva. O nosso drama de hoje é faltar a este encontro pessoal com Jesus. Não temos consciência disso porque não o contemplamos, há muito tempo, amorosamente. Sigamos o exemplo dos Apóstolos. Contemplaram Cristo ao ponto de se assemelharem a Ele. Não seguiram nenhum curso nem fizeram qualquer exame. Chamados por ele, seguiram-no, conviveram numa constante proximidade.

Deus está disponível para o encontro, tem os seus próprios modos de se encontrar com cada um: rezar, contemplar, orar, ler a Palavra, os sacramentos, a missa, a natureza, as obras de arte, os ícones. Também nas nossas reuniões de equipa, no "Dever de se Sentar"... estamos prontos para o encontrar?

Santa Teresa de Lisieux escreveu à sua irmã que se debatia na sua vida espiritual: «tu estás a tentar subir à montanha da santidade, mas Deus quer encontrar-te lá em baixo, no vale fértil da humildade». O que sou chamado a compreender é que o Senhor não me quer encontrar na

montanha imaginária, no eu das redes sociais onde escancarar o sorriso, nem nos meus sonhos, mas no meu quotidiano real (o verdadeiro eu). O seu Amor não pode ser merecido, mas recebido. Ele não me ama porque sou bom, mas porque Ele é Bom e Misericordioso. De outro modo, posso perder a fé quando deixo de me relacionar com ele. A minha relação pessoal, como qualquer laço de amizade, precisa de ser alimentada por momentos de encontro. Às vezes tomo consciência de que não posso confiar nas minhas próprias forças, mas numa comunidade que me incentiva e apoia. E cada um de nós encontra a fé marcando um encontro com Deus e abrindo-Lhe o coração.

E a nossa vida em casal?

A nossa relação em casal pode ser alterada pelas "poluições" que, pouco a pouco e insidiosamente, levam a incompreensões, frustrações e sofrimento. Em última análise, levam a ameaçar e a quebrar a harmonia da nossa relação. Explorá-las juntos e refletir sobre elas pode guiar-nos num caminho para a cura.

- Atmosfera de tristeza ou de monotonia na nossa relação.
- Indiferença aos problemas, às alegrias, aos interesses ou ao trabalho do outro.
- Raros elogios ou olhares de admiração de um para o outro.
- Silêncios entre nós, isolamento, períodos "de frio" na nossa relação.
- Escassez de atenções, de gentilezas, de ternura entre nós.
- Ciúmes, sentimentos de insegurança.
- Aborrecimentos, censuras, ressentimentos no dia a dia.
- Falta de projetos ou de atividades em comum.
- Sensação de se sentir mais bem compreendido(a) por outros do que pelo cônjuge.
- Críticas, asperezas, ironias, insinuações, insultos.
- Fugas contínuas sozinho(a) ou juntos, como por exemplo: ecrãs, álcool, drogas, trabalho em excesso, desportos, compromissos, etc.

Mas deixemo-nos inspirar por esta relação íntima com Deus para construir a nossa relação de casal. A nossa relação, baseada num amor profundo, é tecida e mantida nas pequenas atenções do dia-a-dia. Podemos parar para refletir sobre as diferentes atitudes que podem ampliar o amor no nosso casal e na nossa família. Agradecer ao meu cônjuge por um serviço prestado mesmo que pareça mínimo e normal, perdoar e pedir perdão mesmo que seja por uma pequena indelicadeza... Estes são apenas alguns exemplos, mas as nossas vidas são ricas com muitos outros. De facto, gratidão, perdão, oração em casal, diálogo sobre nossos projetos e as necessidades de cada um... ajudam a nutrir a relação, a torná-la terna e viva.

"Por favor": dizê-lo gera delicadeza, cortesia e evita uma relação dominante/dominado.

"Obrigado": a gratidão acalma a relação, valoriza o cônjuge e pede mais um dom.

"Perdão": pedir perdão evita que a relação seja prejudicada por velhos rancores.

«Senhor»: rezar juntos aproxima-nos, apaga pequenos confrontos quotidianos e harmoniza os desejos.

"Nós dois": dispor de tempo juntos é essencial para nos encontrarmos e recuperarmos o fôlego.

"O que precisas?": as necessidades de cada um devem ser constantemente exploradas em conjunto e reajustadas para encontrar o equilíbrio certo.

"Que projetos?": podem ser projetos a nível pessoal para um ou para o outro ou projetos comuns. Podermos dialogar e projetar juntos o futuro é uma fonte de felicidade e de realização mútua.

O que o Padre Caffarel partilha connosco

«Quantas vezes o amor dos cônjuges, o afeto entre os pais se torna periclitante, precisamente porque deixamos de os manter e aprofundar. Os nossos amores humanos exigem encontros, trocas, momentos de coração a coração. Isto é vital. Do mesmo modo o amor de Deus define

na alma do cristão que não reserva todos os dias momentos para o encontro com o seu Senhor, momentos de troca, de intimidade, isto é, de oração. Isto não é menos vital. E quem responde: "Mas onde quer que eu encontre tempo para rezar?" deixa-me a sonhar... A única questão é saber se é vital comer, a única questão é saber se é vital rezar».

Podemos escutar o que Henri Nouwen nos diz no seu livro, “*No Coração da Minha Vida. A Eucaristia. Meditação*” sobre a presença de Jesus que nos interpela:

«No caminho de Emaús, Jesus fez-se presente através da sua palavra e foi essa presença que transformou a tristeza em alegria, o luto em dança. É o que acontece em cada Eucaristia. As palavras que são lidas e proclamadas destinam-se a conduzir-nos à presença divina e a transformar o nosso coração e a nossa mente. Muitas vezes consideramos estas palavras como exortações para mudar a nossa vida. Mas a principal força destas palavras reside, não na forma como as colocamos em prática depois de as escutarmos, mas no poder transformador divino que advém da sua escuta.»³

Testemunho

Pai: Cinco anos depois de nos casarmos, tivemos nosso segundo filho, um menino chamado Jalal. Quando fez seis meses descobrimos que tinha um atraso no crescimento. O pediatra alertou-nos durante a consulta periódica para esse atraso e que, aparentemente, seria uma criança normal, mas que o seu comportamento e o seu desenvolvimento estariam mais lentos do que os de uma criança de seis meses e que teríamos de **esperar** até ter 12 meses para poder fazer uma ressonância magnética.

Mãe: O médico aconselhou-nos a iniciar terapias específicas de que irá precisar ao longo da vida, nomeadamente psicomotricidade, fisioterapia, terapia ocupacional e terapia da fala...

³ Henri Nouwen, *Au coeur de ma vie. L'Eucharistie. Méditation*, Novalis, 1995, p. 49. Tradução de *With Burning Hearts. A meditation on the Eucharistic Life*, Orbis Books, 1994

Quando Jalal fez nove meses, iniciámos as sessões de psicomotricidade. Com um ano de idade, foi feita a ressonância magnética cerebral tal como esperado.

Após o resultado deste exame, ficámos os dois em estado de choque, experimentei uma mistura de sentimentos, da tristeza à raiva, da raiva contra Deus, da ansiedade à dúvida... Tinha muitas questões e queixas pessoais: que erro tinha cometido para ter um filho com este problema? Estive num estado de frustração, num estado de negação, durante um longo tempo da minha vida e tudo o que podia fazer por Jalal era acompanhá-lo aos médicos e aos centros para fazer os diferentes tratamentos. O médico disse-nos que não havia nada a fazer a não ser submetê-lo a esses tratamentos. Além disso, era difícil encontrar médicos competentes e centros especializados perto de nossa casa. Com o passar do tempo, comecei a sentir um sentimento de preocupação em relação à minha filha mais velha, Sophie, que ia crescendo. Eu tinha o dever de estar presente na sua vida escolar, social e em tudo o que ela gostava de fazer. Por vezes, estava presente e ausente e tentava tanto quanto possível estar com ela, pelo menos mentalmente.

O que também me ajudou a atravessar esta fase da minha vida foi o nosso compromisso com as Equipas de Nossa Senhora. Naquele momento em que descobrimos a condição de Jalal foi difícil para mim enfrentar o mundo. Não contei nada a ninguém, nem mesmo aos equipistas. Era difícil para mim aceitá-lo diante do mundo, apenas porque tinha medo dos seus olhares de piedade e sentia que a piedade me iria destruir. Até que durante uma das reuniões da nossa equipa, em que não queria falar sobre o assunto, de repente senti-me à vontade e abri o meu coração ao grupo e falei de Jalal e da sua condição.

A reação da nossa equipa de base foi indescritível. Eles incluíram-nos nas suas orações e continuaram sempre a rezar por nós e acompanharam-nos até conseguirmos atingir um estado de tranquilidade e ter alguns dias de serenidade. Este sentimento era bom e é um testemunho que gostaria de dar para que todos saibam em que medida as Equipas de Nossa Senhora faziam e continuam a fazer parte integrante das nossas vidas.

Pai: Quando descobrimos a condição de Jalal, vivemos momentos muito difíceis tanto como cônjuges como família. Como pai, pessoalmente não escondo que passei pelas mesmas questões e sentimentos que a minha esposa, tristeza, frustração, decepção e ansiedade... questionava-me: onde é que tínhamos cometido um erro para que isto nos acontecesse? Como poderíamos cuidar do Jalal? Será um rapaz como qualquer outro no futuro? De que cuidados precisa? Quem nos vai ajudar? Seríamos capazes de o ajudar a crescer durante toda a sua vida? Especialmente porque os médicos nos diziam que ele ficaria nesse estado por muito tempo? Percebi que a vida não era justa e não sabíamos onde teríamos forças para continuar, e dizia sempre à minha esposa: vamos fazer o que devemos fazer, vamos acompanhá-lo no tratamento, vamos cuidar dele, vamos amá-lo ao máximo, vamos criar um equilíbrio entre os nossos cuidados com ele e os nossos cuidados com a nossa filha e confiemos em Deus para o resto. Deus irá certamente ajudar-nos. Confiemos no Senhor porque Ele está sempre presente ao nosso lado.

Eu tive de ajudar a minha esposa a ultrapassar a crise que atravessava, queríamos ter um terceiro filho, mas a dificuldade da situação não permitia que a minha esposa pensasse nisso nem que eu abordasse a questão. Descobrimos mais tarde que, de facto, o Senhor estava presente e caminhava connosco sem sentirmos a Sua presença. Trabalhava de uma forma extraordinária, dava-nos o apoio suficiente e a força para que pudéssemos aceitar o estado de saúde e os cuidados médicos de Jalal. Não esqueçamos as dificuldades financeiras que acompanharam esta condição. O custo do tratamento era elevado, mas, magicamente, as coisas foram-se resolvendo.

Percebemos também que quando um de nós atravessava um estado emocional ou espiritual difícil, o outro, com a ajuda do Senhor, seguia o caminho e porque tínhamos sempre paz e coragem, pudemos continuar **juntos** a acompanhar Jalal ontem, como hoje e como faremos amanhã e até ao infinito. Toda a família foi posta à prova, mas esta provação ensinou-nos a viver melhor o amor na nossa família e fez-nos perceber que o amor incondicional é mais importante do que o problema em si mesmo. Cada

vez que nos amamos mais, o dom e a alegria irradiam para sempre nos nossos corações.

Oremos juntos com os salmos (Salmo 23, Cântico de David)

O Senhor é meu pastor, nada me falta,
em verdes prados me leva a descansar. Conduz-me às águas refrescantes
e reconforta a minha alma. Ele guia-me pelos caminhos retos, por amor do
seu nome.

Mesmo que eu ande por vales tenebrosos, não temerei mal algum. Porque
Tu estás comigo, a tua vara e o teu cajado me dão coragem.

Preparas a mesa para mim, à vista dos meus inimigos. Com óleo me
perfumaste a cabeça, e a minha taça ficou a transbordar.

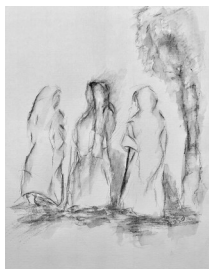
Sim, a bondade e a misericórdia me acompanharão todos os dias da minha
vida. E habitarei na casa do Senhor, ao longo dos dias.

Perguntas para partilhar em casal

- 1- Temos consciência da importância de manter e cuidar da qualidade da nossa relação de casal? Quais são os passos concretos que queremos dar para uma melhor harmonia?
- 2- Como podemos ajudar-nos mutuamente a aprofundar a nossa relação com Deus e a dar-Lhe mais espaço nas nossas vidas, nas nossas decisões, nas nossas orientações?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- Dar um testemunho pessoal ou de casal de um encontro pessoal com o Senhor no caminho da nossa vida. Estamos atentos aos sinais da sua presença e da sua visita quando vem ao nosso encontro?
- 2- A que mudança(s) somos chamados na sequência do nosso encontro com Ele? Quais são os frutos da nossa conversão que estamos dispostos a partilhar com os outros?



Cap. 4: Corações na incerteza

“Eles disseram-lhe: «O que diz respeito a Jesus de Nazaré, que se tornou um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, de tal modo que os chefes dos sacerdotes e os nossos magistrados ... Mas com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. No entanto, ... mas a Ele não o viram” (Lc 24,19-24)

Voltamos ao caminho de Emaús para nos juntarmos aos dois discípulos. É verdade que o nosso objetivo é viver uma experiência espiritual que nos ajude a crescer na fé, como pessoas e como casais. Percorremos os caminhos das nossas vidas e, por vezes, temos a sensação de estar a caminhar no caos ou, pelo menos, a caminhar na incerteza. Com tudo o que carregamos nos nossos corações, nas nossas famílias, nas nossas relações... é por vezes difícil para nós compreender o significado mais profundo daquilo que tece as nossas vidas e a do mundo.

Observemos como Jesus faz, a sua pedagogia que não é nada arbitrária. Depois de dedicar um tempo para se juntar aos discípulos, para partilhar o quotidiano do que eles estão a viver – a caminhada – está agora interessado em colocá-los numa história. Relança o diálogo e faz-lhes esta pergunta: que acontecimentos? Convida-os a contar o que aconteceu. Ao que parece, uma coisa é viver os acontecimentos, outra é contá-los. É como se Jesus os exortasse a reunir os pensamentos, a escolher as palavras, a organizá-las... E foi o que fizeram. Começam a responder-lhe. O que contam? O que é dito sobre Jesus? Como se envolvem na narrativa que fazem?

Podemos destacar algumas palavras:

Jesus de Nazaré: é, de facto, uma pessoa identificada, conhecida, bem situada na história. Alguém com quem provavelmente conviveram durante anos.

Um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo: portanto, não era visto como um homem comum, como os outros. Eles testemunharam os seus ensinamentos, as obras das suas mãos que levaram consolação e cura interior para as almas e os corpos enfraquecidos por enfermidades e doenças diversas.

Os chefes dos sacerdotes e os nossos magistrados...: aqui estes são claramente comprometidos na história, são os líderes do seu povo... e contam toda a narrativa da Paixão e da Morte, sem detalhes, mas descrevendo todo o horror. Eles tinham esperado que Jesus fosse o Libertador, aquele que quebraria o jugo da ocupação e restauraria Israel em toda a sua supremacia. Um Messias numa visão totalmente humana. A decepção está ao nível da esperança.

Já lá vai o terceiro dia...: três dias é o tempo para que a morte faça o seu trabalho. Só passados três dias é que as pessoas eram consideradas verdadeiramente mortas. Esta menção parece essencial para compreender que, antes da alegria da Páscoa, há o fim que a morte significa para nós.

Os dois discípulos fizeram bem o seu próprio relato. Sem o saber, estabeleceram uma relação com esse estranho, até porque ele lhes fez uma pergunta e estava disposto a escutá-los. As suas palavras deram forma à sua experiência emocional, à sua frustração, à sua incerteza, ao seu medo profundo que se esconde por trás de uma grande decepção. E Jesus, aquele que conhece os segredos do coração humano (Salmo 44:21), precisava de escutar as suas palavras, a sua própria percepção das coisas, o seu sofrimento, a sua amargura... Não é uma coisa estranha? Jesus sabia de tudo! Ele que estava no centro de todos esses eventos, então para quê interrogá-los sobre eventos passados?

Um Deus que questiona

Ao explorar as Escrituras, notamos que o próprio Deus frequentemente faz perguntas e se interroga. No Jardim do Éden, Deus perguntou a Adão onde estava e o que tinha feito (Gênesis 3:9-11). No deserto, Deus pergunta a Moisés o que é que tem na mão (Êxodo 4:2). Os Evangelhos fazem-nos também descobrir Jesus em diálogo constante com homens e mulheres como nós, mães, homens, doentes, viúvas, cegos... Ele está interessado no que nos preocupa e pede-nos uma palavra. As suas perguntas podem levar-nos de volta a uma nova descoberta, talvez até mesmo à realização de nossos desejos mais profundos, ao que realmente desejamos.

Um Deus que se oferece

Jesus faz-nos perguntas para que possamos entrar numa relação de amor com Ele. O seu objetivo não é fazer discursos moralistas, dar-nos uma lei, princípios. Quando conversa connosco, fala pouco e nunca diz nada. Ele sabe o valor das palavras e é económico a usá-las. Não se trata de discursos longos, mas de palavras significativas e profundas. Ao escutá-lo com benevolência, Ele quer, sem dúvida, conhecer-nos, mas o seu desejo é também o de nos convidar a entrar em profunda comunhão com Ele. Ele quer conhecer-nos e dar-se a conhecer. É, de facto, uma dinâmica relacional que é bem recíproca.

Um Deus que liberta

Ao fazer essa pergunta, Jesus dá aos discípulos de Emaús a liberdade de contarem a sua própria história a partir da sua experiência e da sua realidade. Esta palavra narrada torna-se portadora do seu habitat interior, dos seus sentimentos, dos seus desejos, dos seus medos, das suas esperanças e dos seus sonhos. Esta expressão do seu ser interior permitir-lhes-á abrirem-se ao novo, ao além, aos horizontes da Ressurreição. A palavra proporciona um efeito libertador. Pôr em palavras o que foi vivido pode aliviar a ansiedade, trazer ordem à mente e criar um novo espaço para acolher uma nova luz.

Um Deus que chama

Jesus estabelece um diálogo para entrar em comunicação. Reconhece o valor do seu interlocutor como parceiro na relação, num clima de respeito pela sua dignidade enquanto pessoa capaz de receber o dom da esperança e de assumir o seu papel de coactor. Um apelo à participação no mistério da ressurreição.

Certamente, as perguntas que Jesus faz não visam obter informações. Deus é um Pai que usa a linguagem para ensinar no contexto de uma relação. É como um professor que faz perguntas para envolver os seus alunos. Jesus faz-nos perguntas para nos convidar a refletir e para nos orientar para a verdade. Quando faz uma pergunta, não é porque não sabe a resposta, mas porque quer que nós a saibamos.

E cada um de nós hoje?... chamado a comunicar

Às vezes sinto-me desorientado, os meus passos parecem incertos, sem saber exatamente onde depositar a minha confiança.... Sinto que estou a andar em círculos, bloqueado num beco sem saída, sem já não entender o significado dos eventos em minha vida. Indecisão, incerteza, frustração, medo do futuro são sentimentos desagradáveis, uma tempestade interior que persegue a paz do meu coração. Onde posso encontrar refúgio? Como redescobrir a alegria de viver?

E o Senhor conhece o meu coração incerto. Eis que vem e me pergunta o que me atormenta. Tal como tinha feito com os discípulos a caminho de Emaús. Estou disposto a escutá-lo quando me faz uma pergunta? Estou pronto para comunicar com Ele, para lhe expressar, livremente, nas minhas próprias palavras, o que perturba a minha mente? Hoje, é-me dirigido um novo convite, coloco-me junto a estes dois discípulos e faço a minha própria narrativa. Entrego-lhe o meu fardo, confiante em que ele caminhará ao meu lado e me ouvirá. Hoje, posso dirigir-me a Deus com as palavras de David no Salmo 139: "Tu me examinaste, Senhor, e me conheces... de longe, percebes os meus pensamentos... Tu me envolves por detrás e pela frente e colocas sobre mim a tua mão... Para onde poderia eu ir, longe do teu espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?"

Aqueles que creem em Jesus podem estar em paz, apesar das incertezas da vida, porque têm a certeza de que o seu Pai ama os Seus filhos e cuida das suas necessidades (Mt 6:25-34). Podemos trazer-lhe com gratidão todas as nossas preocupações, sabendo que Ele responderá às nossas necessidades e nos trará a paz (Flp 4:6,7). «E a paz de Deus, que supera toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus », diz-nos o apóstolo Paulo (v. 7). Dizer que a paz de Deus ultrapassa toda a compreensão revela a nossa incapacidade de a explicar, mas também a possibilidade de a experimentarmos, uma vez que esta paz guarda os nossos corações e as nossas mentes. A nossa paz vem da certeza de que o Senhor nos ama e que controla as nossas vidas. Ele é o único que nos dá o consolo de que precisamos para nos acalmar, para nos encher de esperança e para nos descontrair mesmo no meio de mudanças e de desafios. Estamos prontos para embarcar nesta aventura de amor para nos abirmos ao coração d'Aquele que nos espera e nos ama desde a eternidade? Estamos prontos para renovar todos os dias a nossa vontade de nos dirigirmos a Jesus como um amigo?

E a nossa vida em casal?

Aprender a comunicar com Deus ajuda-nos a comunicar melhor com o nosso cônjuge e em família. Uma comunicação verdadeira e sincera é um alicerce essencial na vida de um casal. É uma arte que se adquire ao longo do tempo. Dizer que comunicar é uma tarefa fácil e que surge naturalmente sem qualquer esforço, parece-nos a muitos de nós uma utopia porque há tensões em todos os casais. Comunicar nunca é isento de desafios de todos os tipos, mas não é uma coisa impossível, pois é uma aprendizagem que se faz por amor e convicção. A felicidade a dois é um trabalho em constante progresso, é construída com força de vontade e dizendo a verdade. Comunicar dentro de um casal não é apenas falar sobre os factos, mas sobre o que se sente numa ou noutra situação. Quando num casal há confiança de um no outro, o diálogo permite que se descubram e que descubram o outro como ele é. E isso fortalece o amor conjugal. Além disso, confiar as fraquezas, os medos, as carências e

saber-se aceite e amado apesar de tudo, é fonte de grande alegria para a vida em comum. A comunicação gera a realização individual de cada um dos cônjuges, bem como a realização do casal enquanto entidade que vale a pena cuidar para se orientar plenamente para a santidade. Todos nós temos uma necessidade vital de viver a harmonia e a plena realização, e essa necessidade é ainda mais verdadeira no quadro do casal e da família.

Oração para se apaixonar novamente

"Era meu/minha amigo/a, meu/minha amado/amada. Hoje, ele/ela é como o/a meu/minha melhor inimigo/inimiga. Não é na realidade uma guerra, mas também não é a paz. Ele/ela está sempre ali à queima-roupa, na sala, à mesa, na cama. As suas atitudes, os seus tiques, as suas palavras revelam pela milésima vez o quanto ele/ela me irrita. Não compreende que o que considera insignificante me exaspera. Como é que lhe digo?

Tu podes, Senhor, Tu que habitas no seu coração.

Acalma também o meu, porque mal posso esperar que a situação mude. Mostra-me a minha parcela de responsabilidade nas minhas dificuldades em amar o meu cônjuge. E se, sabendo superar a amargura no meu coração, o meu amor por ele/ela aumentasse e fosse fortalecido?

Conhecer as expectativas do meu cônjuge é necessário para que permaneçamos unidos no vínculo matrimonial.

Preciso que o meu olhar sobre ele/ela seja um olhar de confiança e já não de desconfiança, um olhar de perdão e não de suspeita, um olhar de fé e não de consternação.

Muda o meu coração e o do meu cônjuge para que possamos saborear a felicidade que nos prometeste.

Transforma o meu coração para que o acolha de novo. Vem abençoar o meu cônjuge. Amén. (Fonte: Aleteia)

E o mundo em que vivemos?

No momento em este tema foi escrito, as notícias não cessam de falar do mal que persiste sob muitas formas: violência, terrorismo, guerras, assassínios, destruição, corrupção, violações dos direitos humanos e

desprezo pelas suas legítimas aspirações: na Ucrânia, na Terra Santa, no Líbano, na Argentina, no Sudão, no Haiti, em Mianmar... e em muitos outros cantos do mundo que experimentam a decepção dos dois discípulos de Emaús: uma decepção ao ver a força do mal que reina, a mão da morte que destrói a vida. Podemos facilmente desviar o olhar, se estivermos longe, e dizer a nós mesmos que tudo isso não é da nossa conta e assim deixarmo-nos arrastar para a armadilha da indiferença. Ou ainda, se nos sentirmos afetados pelo que se passa à nossa volta, deixarmo-nos arrastar para a armadilha do pessimismo e da depressão. O nosso mundo de hoje clama de dor em toda a parte. Como podemos reavivar nos nossos corações este vislumbre de esperança que acredita no poder da Vida e da Ressurreição? Podemos acreditar profundamente no misterioso poder do Amor que pode trazer consolo, ternura, empatia.... Podem as nossas mãos, os nossos olhos, as nossas palavras, os nossos gestos... por mais humildes que sejam, ser novas sementes de vida para participar da criação de um novo mundo? Ousamos abrir-nos à Esperança?

O que o Padre Caffarel partilha connosco sobre a beleza do casal cristão

«Deus diz: Casal cristão, sois o meu orgulho e a minha esperança. Quando criei o céu e a terra e no céu os grandes luzeiros, vi nas minhas criaturas vestígios das minhas perfeições, e vi que era bom. Quando cobri a terra com o seu grande manto de campos e florestas, vi que era bom. Quando criei os inúmeros animais de acordo com a sua espécie, vi nesses seres vivos e abundantes um reflexo da minha vida transbordante e considerei que era bom. De toda a minha criação surgiu então um grande hino solene e jubiloso celebrando a minha glória e as minhas perfeições. E, no entanto, em nenhum lugar vi a imagem daquela que é a minha vida mais secreta e mais fervorosa. Então despertou em mim a necessidade de revelar o melhor de mim mesmo: e essa foi a minha mais bela invenção. Foi assim que te criei, casal humano, "à minha imagem e semelhança", e vi que era muito bom. No meio deste universo, em que toda criatura exprime a minha glória, celebra as minhas perfeições, tinha finalmente surgido o amor para

revelar o meu Amor. Casal humano, minha criatura muito amada, minha testemunha privilegiada, compreendes por que me és querido entre todas as criaturas, compreendes a imensa esperança que deposito em ti? Tu és o portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão de ter esperança... porque tu és o Amor. Assim seja.»⁴

Excerto do livro de H. Nouwen

Jesus que nos escuta:

"Quando os dois viajantes regressam a casa chorando a sua perda, Jesus vai ao seu encontro e caminha com eles, mas os seus olhos são incapazes de o reconhecer. De repente, não há duas, mas três pessoas que caminham e tudo se torna diferente. Os dois amigos já não caminham com a cabeça baixa, mas olham diretamente nos olhos o estranho que acaba de se juntar a eles e lhes pergunta: *Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?* Eles ficam surpresos, até agitados: "Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?" Começam então a contar esta longa história; uma narrativa de perda, uma narrativa de informações misteriosas sobre um sepulcro vazio. Aqui está pelo menos alguém que está disposto a escutar, alguém que está disposto a ouvi-los falar sobre a sua desilusão, a sua tristeza e a sua total confusão. Nada parece fazer sentido. Mas é melhor contar a um estranho do que repetir o que já se sabe."⁵

Testemunho

A nossa relação começou com uma forte fé em Deus e um desejo de seguir a Sua vontade. Como qualquer nova relação, temos encontrado dificuldades e enfrentado numerosos desafios, especialmente quando nos mudámos para um outro país, longe de nossas famílias e dos nossos amigos. Tentámos manter Deus nas nossas vidas através das nossas orações individuais diárias e assistindo à missa regularmente todas as

⁴ Padre Caffarel, Excerto da Conferência "As Equipas de Nossa Senhora face ao Ateísmo", Roma, 5 de maio de 1970

⁵ Henri Nouwen, *Au coeur de ma vie. L'Eucharistie. Méditation*, Novalis, 1995, p.39

semanas, mas sentimos que Deus estava longe e silencioso. Também tivemos dificuldade em comunicar entre nós. As nossas discussões abertas eram raras porque estávamos ocupados e pressionados pelo nosso trabalho e pelas nossas responsabilidades quotidianas. Sentimos que nos estávamos a afastar e a perder a ligação que tínhamos antes. Pensávamos que Deus não estava presente nas nossas vidas. Com o tempo, fomos-nos afastando. Tentámos diferentes formas de melhorar a nossa comunicação, mas o fechamento e a falta de escuta impediram-nos de o fazer. A incerteza e a confusão no nosso caminho de fé tornaram fria e distante a nossa relação com Deus.

O nosso encontro com as ENS

O Senhor, na Sua misericórdia e providência, colocou as ENS no nosso caminho. Aderimos a essas equipas, na esperança de encontrar apoio e conselhos para o nosso matrimónio e para a nossa vida espiritual. Não estávamos à espera da mudança positiva que Deus tinha preparado para nós. Através das equipas aprendemos a praticar o "dever de se sentar", um momento mensal em que partilhamos os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, as nossas alegrias, as nossas tristezas e os nossos problemas. Aprendemos também a rezar juntos, a ler a palavra de Deus e a procurar a Sua vontade. Demorou um pouco para nos abirmos e permitir que o nosso cônjuge entrasse nos nossos pensamentos. No início, estávamos hesitantes, mas assim que nos lembrámos de que Jesus estava entre nós, passámos a estar mais disponíveis para ouvir, para partilhar e para nos compreendermos melhor um ao outro. Seguindo os passos do "dever de se sentar", notámos uma mudança positiva no nosso relacionamento. Tornámo-nos mais atentos a escutar, compreender e apreciar o outro. Percebemos que o amor não era apenas um sentimento, mas uma escolha e um comportamento. Descobrimos a beleza e a força do segredo da reconciliação, a graça e a paz que ele traz à nossa relação. Mal podíamos esperar para nos sentarmos e conversar para saber mais. O amor ainda estava lá, mas não o suficiente. O "dever de se sentar" era

necessário para transformar o amor de um sentimento num comportamento.

Crescemos no amor e na fé

E, acima de tudo, sentimos verdadeiramente a presença contínua de Deus nas nossas vidas. Compreendemos que Ele ainda nos dava a mão durante toda a nossa viagem, mas estávamos tão preocupados com várias coisas que não conseguíamos escutá-Lo ou reconhecê-Lo. Estávamos dispersos e surdos ao ponto de não conseguirmos ouvir a Sua voz entre nós e de O reconhecer, tal como os discípulos de Emaús. Deus falava-nos sempre de maneiras diferentes, mas nós não O reconhecíamos. Foi ele que nos ajudou e guiou nas nossas decisões e no nosso percurso de vida. O Senhor está sempre à espera à nossa porta, devemos abrir-lha para que Ele possa entrar e reinar sobre a nossa vida.

Aprendemos a confiar em Deus e a contar mais com Ele, a entregar-lhe os nossos problemas e preocupações. Experimentámos o Seu amor e graça de maneira tangível e sentimo-nos próximos d'Ele e um do outro. Descobrimos como estar abertos à Sua misteriosa presença no coração da nossa vida. Estamos agora convencidos de que Deus está sempre connosco e que tem um plano e um propósito para o nosso matrimónio.

Rezemos juntamente com São Carlos de Foucauld

(a Oração do Abandono)

Meu Pai, eu me abandono a Ti, faz de mim o que quiseres.

O que fizeres de mim, eu Te agradeço.

Estou pronto para tudo, aceito tudo.

Desde que a tua vontade se faça em mim e em tudo o que Tu criaste, nada mais quero, meu Deus.

Nas tuas mãos entrego a minha vida.

Eu Ta dou, meu Deus, com todo o amor do meu coração, porque Te amo e é para mim uma necessidade de amor dar-me, entregar-me nas tuas mãos sem medida,

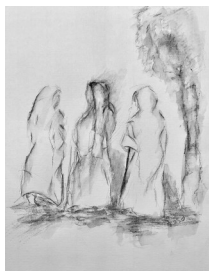
com uma confiança infinita, porque Tu és meu Pai!

Perguntas para partilhar em casal

- 1- Como cultivamos a comunicação no dia-a-dia das nossas vidas? Estamos conscientes e atentos aos seus benefícios? Às consequências da sua ausência?
- 2- Quando comunico com o meu parceiro, revelo-me e dou-me a conhecer. Podemos partilhar experiências neste domínio? Qual foi o papel de uma escuta atenciosa nessas experiências?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- Qual é a qualidade da comunicação entre nós como membros da equipa? Estamos a dar espaço suficiente para a escuta e o respeito mútuo?
- 2- Cada um de nós pode passar por uma experiência de incerteza na sua vida (individualmente ou em casal). De que forma estamos disponíveis para nos apoiarmos uns aos outros? A viver em profundidade o espírito de família e de fraternidade?



Cap. 5: Corações abertos à Palavra de Deus

“Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». E, começando a partir de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que a Ele dizia respeito” (Lc 24,25-27).

Durante anos, Jesus foi confrontado com pessoas que não compreendiam quem Ele era. Mas isso nunca o desanimou. Continua os seus esforços, o seu coração ardendo de amor por todos, pela salvação de todos. As suas palavras não eram teologia complicada, mas linguagem simples, às vezes com imagens e exemplos da vida quotidiana. Ele queria que a sua mensagem chegasse diretamente ao coração. No entanto, aqui está ele, novamente confrontado com estes dois discípulos que parecem não ter escutado nada, não ter compreendido nada de tudo o que ele tinha partilhado, anunciado... limitando-se ao escândalo do anúncio da sua inevitável Paixão.

Tudo acontece para Jesus como para Moisés, que é confrontado com os egípcios de coração duro. O próprio Jesus exprime-o bem em Mateus 13, 10-17: «porque vendo, não veem, e ouvindo, não ouvem nem entendem. Assim, neles se cumpre plenamente a profecia de Isaías, que diz: "Com o ouvido haveis de ouvir, mas nunca entenderéis, olhando, olhareis, mas nunca vereis. Porque se endureceu o coração deste povo, e com dureza os seus ouvidos ouviram e fecharam os seus olhos. Não aconteça que vejam com os olhos, e com os ouvidos ouçam, e com o coração entendam, e voltem atrás e eu os cure”.

Felizes os vossos olhos porque veem, e os vossos ouvidos porque ouvem.

Ámen vos digo: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram, e ouvir o que ouvís e não ouvíram».

Ó desprovidos de inteligência: estas palavras de Jesus exprimem uma censura, uma crítica...? Ou antes um convite a reconhecer as nossas limitações humanas, a nossa miopia e a nossa incapacidade para perceber e compreender o plano de Deus para nós mesmos, através da nossa lógica puramente humana. Um convite a reconhecer que não é através do nosso pensamento e do nosso raciocínio que compreenderemos a Sabedoria do nosso Pai e Criador, mas através de uma abertura do coração às explicações de Jesus.

Explicou-lhes... É Jesus ressuscitado, que venceu as trevas da morte, que lhes explica as Escrituras. E desta vez, eles receberão o dom da inteligência para compreender...

Um pouco mais tarde, na casa de Lucas, Jesus aparece aos seus discípulos, mostra-lhes as mãos e os pés porque eles ainda não conseguiam acreditar... Come diante deles, depois explica-lhes tudo o que foi escrito sobre Ele, revela-lhes o significado do mistério pascal. E Lucas diz: "Então abriu-lhe a mente para que compreendessem as Escrituras". E o Evangelho de Lucas termina com a promessa aos discípulos: «... devem ficar na cidade até que o poder do altíssimo desça sobre vós."

Um tempo para acolher o dom do Espírito Santo

É quase impossível entrarmos na lógica de Deus e compreender em profundidade a Sagrada Escritura sem o dom do Espírito Santo. Este Espírito foi-nos oferecido pela Ressurreição do nosso Senhor e só Ele é capaz de nos abrir os tesouros da Palavra, para que sejamos no mundo arautos desta riqueza inesgotável. "Quem, então, é capaz de compreender a riqueza de uma das tuas palavras, Senhor? O que compreendemos é muito menos do que o que deixamos para trás, como pessoas sedentas bebendo de uma fonte. São muitas as perspectivas da Tua palavra, tal como são numerosas as orientações dos que a estudam. O Senhor coloriu a sua

palavra com muitas belezas, para que cada um dos que a perscrutam possa contemplar o que ama. E na sua palavra escondeu todos os tesouros, para que cada um de nós encontrasse uma riqueza naquilo que medita" (Santo Efrém).

O papel do Espírito Santo no nosso aprofundamento da Palavra

Sem a ação do Espírito Santo corremos o risco de ficar presos dentro do próprio texto. Somos chamados a descobrir o aspeto inspirado, dinâmico e espiritual de qualquer texto sagrado. Como nos recorda o Apóstolo, «a letra mata, enquanto o Espírito dá vida» (2 Cor 3, 6). Assim, o Espírito Santo transforma a Escritura numa palavra viva de Deus, vivida e transmitida na fé do seu povo santo.

O Espírito Santo opera naqueles que escutam a Palavra de Deus. É tanto mais verdade que, com Jesus Cristo, a revelação de Deus se cumpre e atinge a sua plenitude, mas o que também é maravilhoso é que o Espírito Santo continua a sua ação através da vida de cada um de nós. Lembremos de que, antes de se tornar um texto escrito, a Palavra de Deus era transmitida oralmente e mantida viva pela fé de um povo que a reconhecia como sendo a sua própria história. Assim, a nossa fé baseia-se numa Palavra viva e não numa simples narrativa ou num simples livro.

E cada um de nós hoje?

A história de Deus junto do seu povo continua. Do Antigo Testamento, que conta toda a caminhada do povo de Deus... até ao Novo Testamento, que nos revela a pessoa de Jesus como um Irmão, o Filho único do Pai e um Salvador, como posso fazer parte desta história? Como recebo pessoalmente a Palavra de Deus na minha vida? É necessário não esquecer o ensinamento que vem do livro do Apocalipse, onde se diz que o Senhor está à porta e bate. Se alguém ouvir a sua voz e lhe abrir a porta, Ele entra para jantar (cf. 3, 20). Cristo Jesus, através da Sagrada Escritura, bate à nossa porta; se ouvirmos e abirmos a porta das nossas mentes e dos nossos corações, Ele entrará nas nossas vidas e ficará connosco.

São Carlos de Foucauld é conhecido pela sua paixão pelo seu muito amado Jesus de Nazaré. Passava horas lendo a Bíblia e meditando. Dizia ao seu amigo Louis Massignon, numa de suas cartas:

"A leitura e releitura do Evangelho deve ser como a gota que cai sobre uma laje dia após dia, e acaba por deixar a sua marca. Uma releitura regular e repetitiva do Evangelho marca-nos com o espírito do Evangelho".

Uma palavra para o futuro... mas também para hoje

Como sabemos, os textos sagrados têm uma função profética, dizem respeito ao futuro, por exemplo ao evocar o Reino que virá na plenitude dos tempos, mas não só. A palavra de Deus é-nos endereçada agora, no tempo presente. Diz respeito ao hoje daquele que se alimenta dessa palavra.

A Palavra de Deus é só doçura: Traz-nos alegria interior e consolação. Saborear a ternura e o amor de um Deus-Pai apaixonado para se juntar a nós numa amizade e numa intimidade relacional tão única. Esta é a fonte profunda da nossa alegria. E em tempos de provação, perceber que não somos negligenciados, mas carregados, apoiados, fortalecidos... misteriosamente salvos.

A Palavra de Deus é também amargura: quando compreendemos como é difícil para nós viver a Palavra de forma coerente. E às vezes até a recusamos quando não a consideramos válida para dar sentido à nossa vida.

A Palavra de Deus é um desafio: provoca-nos sobretudo quando se trata da caridade. A Palavra de Deus recorda constantemente o amor misericordioso do Pai, que pede aos seus filhos que vivam na caridade. Imitar Jesus na sua compaixão, no seu olhar amoroso, em toda a sua vida que é expressão plena e perfeita de um amor divino que se oferece a TODOS sem reservas. Um dos grandes desafios para a nossa vida de hoje é escutar as Sagradas Escrituras e deixarmo-nos transformar para praticar a misericórdia. Receber esta Palavra como um apelo contínuo para que,

cada um, saia do individualismo (que leva à esterilidade) para a partilha e a solidariedade.

E a nossa vida em casal?... de uma intimidade a dois para a intimidade juntos com Deus

Conhecer melhor Jesus é fruto da vontade de nos familiarizarmos com a sua palavra, de O escutar uma e outra vez. É como querermos saciar-nos numa fonte infinita e tão abundante. Na intimidade da nossa relação com Ele, através da oração e da meditação das Sagradas Escrituras, Jesus dá-se a conhecer e revela o rosto do seu Pai, nosso Pai. Ler, aprofundar e rezar a Palavra, recorrer a leituras espirituais, a testemunhos de santos, aprender a oração meditativa, a Lectio Divina... tantos caminhos que nos permitem saborear a doçura e a inspiração desta palavra. Dedicar tempo, como faz um amante junto da sua amada, descansar com a palavra para que ela seja acolhida «não como palavra humana mas, como ela é verdadeiramente, palavra de Deus» (1Ts 2, 13).

Como casais, temos consciência de forma concreta da importância dos momentos passados juntos. É o facto de estarmos juntos que nos aproxima um do outro. Viver juntos é diferente de estar por perto. Fazer as coisas em conjunto é diferente de assumir deveres e obrigações individualmente. Damos muita importância a cultivar a nossa intimidade de casal, a preservar a intimidade sexual, a brincar e a rir juntos... coisas que são extremamente bonitas e fonte de alegria para nós dois. Mas já alguma vez pensámos em como consolidar a nossa intimidade espiritual? O nosso compromisso com as Equipas de Nossa Senhora convida-nos a adotar um esforço concreto que é a «escuta da Palavra de Deus», que consiste em ler todos os dias uma passagem da Bíblia, especialmente dos Evangelhos, num ambiente de calma, silêncio, acolhendo esta Palavra como vinda de Deus.

Abrir a Bíblia em casal é um instrumento maravilhoso para promover o diálogo, a reflexão e o enriquecimento espiritual do nosso casal. Poderia ser uma aventura, uma oportunidade, uma experiência para crescermos juntos e mais ainda para nos renovarmos no amor de um pelo outro e no

amor de Deus. O aprofundamento da nossa intimidade espiritual aproxima-nos um do outro e terá um impacto extraordinário no sentimento de unidade no casal e na satisfação intraconjugal.

Ler a Palavra de Deus juntos até poderia dar-nos um espaço para conversar, refletir e aprender a rezar juntos. Ficaríamos até espantados ao descobrir que nos podemos redescobrir à luz da Palavra de Deus. É espantoso como a Palavra de Deus pode chegar no momento certo, mesmo quando seguimos um plano de leitura. O Espírito Santo consegue sempre que leiamos a passagem certa no momento certo.

"Para os casais, ler juntos a Palavra de Deus é uma necessidade", assegura o Papa Francisco na sua exortação "Amoris Laetitia" ("A Alegria do Amor"). «A Palavra de Deus é não só uma boa nova para a vida privada das pessoas, mas também um critério de juízo e uma luz para o discernimento dos vários desafios que têm de enfrentar os cônjuges e as famílias» (Amoris Laetitia, 227)

Lembremo-nos de que para ler a Bíblia juntos não se trata de uma corrida contra o tempo (talvez ler juntos uma ou duas vezes por semana, se for difícil fazê-lo todos os dias) nem uma competição (para saber quem conhece ou compreende melhor esta ou aquela passagem). É apenas uma questão de partilhar as nossas reflexões/sentimentos/questões... e colocarmo-nos juntos sob o olhar d'Aquele que abençoará os nossos esforços e responderá às aspirações das nossas almas.

E o mundo em que vivemos?

Se olharmos para o mundo que nos rodeia e se abrirmos os nossos ouvidos às suas palavras, o que vemos? O que ouvimos? Encontramo-nos certamente esmagados pelo seu ruído, pelo seu caos.

Qual é a palavra que o mundo nos diz hoje?

- Tens de ser uma grande estrela... caso contrário, ninguém olhará para ti.
- Tens de acumular riquezas, muito dinheiro na tua conta bancária... caso contrário, não terás garantias de sobrevivência.

- Tens de esmagar os outros para chegar lá ... caso contrário, são eles que te esmagam.
- Acumula o máximo de reservas que puderes em tudo... caso contrário, vais perder.
- Desconfia dos outros... caso contrário, eles irão trair-te.
- E muitas outras palavras que nada semeiam nos nossos corações além de medo, angústia, ódio, desconfiança. Palavras que nos penetram silenciosamente e que nos perturbam. Palavras que ficam tão enraizadas no nosso inconsciente que nos tiram a paz interior, a alegria do coração, a paz de espírito, deixando-nos com um vazio profundo, no caos.

A estas palavras duras do mundo opõe-se a doce Palavra de Deus.

- Tu és o meu amado... A ti ofereci a minha vida.
- Tu és o meu filho, tão precioso para mim... abro os braços para te acolher.
- Eu confio em ti... vai mudar o mundo.
- Não tenhas medo de nada... vou proteger-te.
- Eu amo-te... e desejo apenas receber o teu amor.

Que palavra(s) queres escutar? A(s) do mundo ou a(s) do teu Deus?

O que o Padre Caffarel partilha connosco sobre a escuta da Palavra de Deus

"Escutar a Palavra de Deus é a segunda orientação geral que vos proponho. A ascese, no sentido de caminhar para a santidade, requer uma busca ativa e perseverante de Deus, especialmente através do estudo das Escrituras. No entanto, este estudo ocupa muito pouco espaço na vida pessoal dos cônjuges, na vida do lar, na vida da equipa. A partir de agora, será necessário empreendê-la de forma muito mais deliberada. Veremos então os milagres que a Palavra de Deus opera, porque é criativa: dá vida a quem se abre à sua virtude, traz alegria ao lar". (Padre Caffarel, do seu livro: As Equipas de Nossa Senhora. A Ascensão e a Missão dos Casais Cristãos)

Nas suas cartas sobre a oração, o Padre Caffarel volta a colocar grande ênfase na escuta da Palavra de Deus. Ele diz-nos:

"Sim, Deus fala. Mas é preciso saber escutá-lo... Deus fala às pessoas de muitas maneiras."

Ele assim define a escuta: "A escuta não é apenas uma questão de inteligência. É todo o nosso ser, alma e coração, inteligência e coração, imaginação, memória e vontade, que deve estar atento à Palavra de Cristo, abrir-se-lhe, dar-lhe espaço, deixar-se envolver, invadir, apoderar por ela, aderir sem reservas." (Cadernos sobre a Oração).

Diz também: "Para compreender, talvez devêssemos começar por escutar."

O que o Papa Francisco partilha connosco sobre o lugar da Bíblia nas nossas vidas

"... A Palavra *atrai a Deus e envia aos outros. Atrai a Deus e envia aos outros*, tal é o seu dinamismo! Não nos deixa fechados em nós mesmos, mas alarga o coração, faz inverter o rumo, altera os nossos hábitos, abre novos cenários, desvenda inesperados horizontes...

Não podemos prescindir da Palavra de Deus, da sua força suave que – como num diálogo – toca o coração, imprime-se na alma, renova-a com a paz de Jesus, que nos desinquieta em prol dos outros. Se olharmos para os amigos de Deus, para as testemunhas do Evangelho na história, para os santos, vemos que, para todos, foi decisiva a Palavra. Pensemos no primeiro monge, Santo Antão... em Santo Agostinho... em Santa Teresinha do Menino Jesus, em São Francisco de Assis... São vidas transformadas pela Palavra de vida, pela Palavra do Senhor...

Mas pergunto-me: Porque é que não acontece o mesmo a muitos de nós? Muitas vezes escutamos a Palavra de Deus e entra por um ouvido e sai pelo outro, porquê? Decerto porque, como nos mostram estas testemunhas, é preciso não ser «surdo» à Palavra. Este é o nosso risco: arrastados por mil palavras, passa-nos por cima também a Palavra de Deus: ouvimo-la, mas não a escutamos; escutamo-la, mas não a guardamos; guardamo-la, mas não nos deixamos provocar à mudança de vida. Sobretudo lemo-la, mas

não a rezamos; ora «a leitura da Sagrada Escritura deve ser *acompanhada de oração*, para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem»

Voltemos às nascentes para oferecer ao mundo aquela água viva que ele não encontra; e, enquanto a sociedade e as redes sociais acentuam a violência das palavras, concentremo-nos na mansidão da Palavra de Deus que salva, que é mansa, que não faz rumor, que penetra no coração.

E, para concluir, façamos algumas perguntas a nós próprios: Que lugar reservo eu para a Palavra de Deus na casa onde moro? Lá haverá livros, jornais, televisões, telefones, mas... onde está a Bíblia? No meu quarto, tenho ao alcance da mão o Evangelho? Leio-o cada dia para encontrar nele o rumo da vida? Na bolsa, trago um pequeno exemplar do Evangelho para o ler? Muitas vezes dei de conselho que tivéssemos sempre connosco o Evangelho: no bolso, na bolsa, no telemóvel. Se, para mim, Cristo é mais querido do que qualquer outra realidade, como posso deixá-lo em casa e não trazer comigo a sua Palavra? E uma última pergunta: Já li, na íntegra, pelo menos um dos quatro Evangelhos? O Evangelho é o livro da vida, é simples e breve, mas muitos crentes nunca leram um do começo ao fim.."
(Excertos da homilia do Papa na Missa do "Domingo da Palavra de Deus", 21 de janeiro de 2024, na Basílica de São Pedro)

Testemunho

Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe: “Rabi, quem pecou, ele ou os seus pais, por ter nascido cego?” Jesus respondeu: “Nem ele nem os seus pais pecaram. Mas foi para que as obras de Deus se manifestassem nele.

Do Evangelho de São João

Quando recebemos a notícia da minha gravidez inesperada aos quarenta e quatro anos, foi imensa a nossa alegria tal como em todas as gravidezes anteriores. A nossa família era composta por cinco pessoas, meu marido e eu, as nossas duas filhas jovens de dezoito e dezassete anos e um amoroso menino de oito. Sendo um casal que fazia parte das Equipas de Nossa Senhora há já alguns anos, a nossa oração conjugal consistia

sobretudo em consagrar a nossa família ao sagrado coração de Jesus e ao coração imaculado da Santíssima Virgem, pedindo apenas a santidade da nossa família para que um dia possamos estar juntos no nosso eterno lar celestial.

No dia da minha ecografia às nove semanas de amenorreia, tivemos o primeiro choque: o anúncio de uma espessura bastante grande do pescoço do feto que não deveria ser diagnosticada senão às doze semanas de gravidez, mas que era suficientemente óbvia para não ser negligenciada. Sendo parteira, entendi a gravidade da situação, o nosso bebê seria provavelmente portador de trissomia.

Foi o início de um conflito. Foi um misto de sentimentos de decepção e de culpa, já que uma gravidez em idade tão avançada não era isento de riscos. O conflito estava na diferença de pontos de vista entre mim e o meu marido. Para mim, a vida é um dom de Deus e o meu bebê precisava de mim para o proteger. E como já tinha tido cinco abortos espontâneos, sabia que esta gravidez era arriscada, mas o meu bebê era suficientemente forte para sobreviver. Para o meu marido a situação era catastrófica, estava em estado de negação. Recusou a verdade, recusou-se a aceitar a gravidez e, acima de tudo, recusou-se a enfrentar o seu ambiente familiar e social e o que as pessoas diriam. Ele temia as repercussões na nossa família e o futuro assustava-o.

Às catorze semanas, foi realizada uma biópsia de trofoblasto para o cariótipo, certificando o diagnóstico de que o nosso bebê era um menino com trissomia 21. Da mesma forma, a ecografia realizada mostrou uma malformação cardíaca bastante significativa. E o ginecologista disse-nos que ele tinha um buraco muito grande no coração. A minha resposta foi: o meu Deus é o maior! E pela segunda vez, o nosso bebê, suficientemente forte, enfrentou as complicações desta punção com o risco de interrupção da gravidez e manteve-se vivo. George, o meu marido, começou a consultar padres e bispos em busca de apoio, de explicações e de alguém para apoiar o seu ponto de vista, mas evidentemente ninguém defendeu a sua causa. Sobretudo porque os três ginecologistas que consultámos eram a favor da interrupção da gravidez. Como se esta criança não fosse

viver e, se o fizesse, seria uma sobrecarga para a família e teria de sofrer muito. O meu marido permaneceu indeciso até ao dia em que eu fui categórica e lhe disse que estamos de passagem por esta terra e que esses poucos anos que vamos viver, teríamos de os viver de acordo com a vontade divina, de acordo com os planos de Deus. E como mãe desta criança e enquanto ela estivesse dentro de mim, iria protegê-la até ao último momento, mesmo que nascesse para viver alguns minutos.

A minha gravidez não foi isenta de complicações, sofri de diabetes gestacional bastante grave e consegui levar a gravidez até às 36 semanas de amenorreia. Charbel, o nosso menino, nasceu prematuro, mas mais uma vez este bebé que era bastante forte e que tinha vontade de viver aí estava, se bem que, em trabalho de parto, enquanto esperava a minha vez de me submeter a uma cesariana, os sons do coração de Charbel tivessem parado completamente. A campainha de alarme disparou e fui levada à pressa para a sala de cirurgia. Entretanto, levava comigo óleo abençoado do mosteiro do nosso grande São Charbel⁶ - chamado Doutor do Céu – já que o meu pequeno Charbel teria o seu nome. Fiz uma grande cruz na barriga com este óleo milagroso e pedi a intercessão de São Charbel para salvar o meu filho. Preparada com urgência para a cesariana, o ginecologista pediu para escutar uma última vez os batimentos do coração antes de iniciar a operação e, deu-se o milagre! Charbel estava vivo! Os batimentos cardíacos tinham recomeçado.

Charbel permaneceu nos cuidados intensivos neonatais durante vinte e cinco dias. Tinha icterícia, problemas de coagulação do sangue e dificuldades de nutrição. Graças à orações da família e às orações da Equipa de Nossa Senhora, Charbel conseguiu superar todos esses obstáculos.

Aos quatro meses de idade, Charbel foi submetido a uma cirurgia de coração aberto. De acordo com os médicos, deveria ficar quatro a cinco dias nos cuidados intensivos, mas mais uma vez as coisas não correram como planeado e o nosso bebé campeão enfrentou várias complicações e

⁶ Nota dos tradutores: São Charbel (ou São Sarbélio), foi um monge maronita libanês. O nome Charbel foi escolhido ao professor e em siríaco significa “narração de Deus”.

infecções que o levaram a ficar nos cuidados intensivos durante vinte e um dias. Durante todo o período de internamento, as senhoras do grupo do terço, do qual fazia parte, vinham rezar o terço todos os dias no hospital por intenção da cura de Charbel, que estava entre a vida e a morte. Resultado: Charbel sobreviveu a uma operação de alto risco.

Como não ver, depois do que Charbel viveu, que foi enviado pelo nosso Senhor e Deus? Ele estava aqui para viver. Sobreviveu através da oração, da perseverança e do amor.

Atualmente, Charbel tem cinco anos, é o favorito do pai que lhe dedica um amor indefinido. E a vergonha do pai perante um futuro desconhecido, diante de uma criança com trissomia transformou-se em orgulho por Charbel, a criança inteligente e fofa, cheia de vida e de alegria. Charbel é a fonte de amor na nossa família. Ele é o pilar da união de todos os seus membros, que se unem para cuidar dele e para o servir, e sobretudo uma via para crescer em santidade. Jesus tem os seus próprios meios de responder às nossas orações. Charbel é o milagre da nossa vida.

"Hoje, traz-me as almas mansas e humildes, assim como as das criancinhas, e mergulha-as na minha Misericórdia. São elas quem mais se assemelham ao meu Coração. Elas reconfortaram-me na minha amarga agonia. Eu via-as como anjos terrenos vigiando os meus altares. Sobre elas derramo torrentes de graças. Só uma alma humilde é capaz de receber a minha graça. Nessas almas, deposito a minha confiança." (Palavras do Senhor Jesus a Santa Faustina).

Rita e Georges Khalil

Rezemos juntos com São João Crisóstomo

"Ó Senhor Jesus Cristo, abre os olhos do meu coração, para que eu possa escutar a Tua palavra e compreenda e faça a Tua vontade, porque eu sou um estranho na terra. Não escondas de mim os Teus mandamentos, mas abre-me os olhos, para que eu possa perceber as maravilhas da Tua lei. Diz-me as coisas ocultas e secretas da Tua sabedoria.

Em Ti ponho a minha esperança, ó meu Deus, para que ilumines a minha mente e o meu entendimento com a luz do Teu conhecimento, não só para

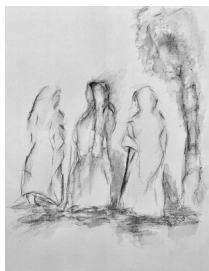
dar valor a estas coisas que estão escritas, mas para as realizar; para que, lendo a vida e as palavras dos santos, eu não possa pecar, mas que sirva para a minha restauração, a minha iluminação e a minha santificação, para a salvação da minha alma e para a herança da vida eterna. Porque Tu és a luz dos que estão nas trevas, e de Ti vem toda a boa ação e todo o dom."

Perguntas para partilhar em casal

- 1- Concretamente, qual é o lugar que damos à Palavra de Deus na nossa vida quotidiana? Há novas decisões que podemos tomar juntos para consolidar a nossa intimidade espiritual com Deus?
- 2- A que mudança(s) somos chamados na nossa relação de casal, à luz da escuta da Palavra de Deus?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- Podemos partilhar uma experiência espiritual onde a palavra de Deus deve ter tocado ou transformado os nossos corações, os nossos pensamentos, as nossas atitudes, as nossas ações?
- 2- Qual é o impacto das palavras "do mundo" nas nossas vidas? Como fazemos para nos mantermos enraizados na confiança na Palavra de Deus?



Cap. 6: Com o Coração ardente

Aproximaram-se da povoação para onde iam, e Ele fez menção de seguir adiante, mas eles insistiram com Ele, dizendo: «Fica connosco, porque é tarde e o dia já está a declinar». Entrou, então, para permanecer com eles. (Lucas 24:28-29)

Eis que os nossos dois viajantes parecem ter chegado ao seu destino. O caminho de Jerusalém a Emaús tinha sido bastante longo. Tinham decidido deixar o lugar da sua grande decepção, o lugar onde a morte parecia ter reinado. Tinham decidido fugir, afastar-se da realidade que os entristecia. Não é esta uma experiência familiar para qualquer um de nós? Ter a sensação de que precisamos de fugir, de nos afastarmos quando a vida é dura para nós, quando pesa sobre nós e já não a podemos suportar? Quando a nossa decepção for tão grande, os nossos sonhos despedaçados, o nosso mundo estiver virado de pernas para o ar, então ficamos tão perdidos sem saber quem somos, para onde vamos, o que vamos fazer a seguir, que futuro nos espera... A reação que poderíamos então ter seria fugir também, isolar-nos, voltar atrás. A nossa fé já não parece estar viva, por que Jesus ainda não respondeu a tal oração? Por que estou ainda numa situação tão difícil?

Neste caminho de regresso, o evangelista Lucas recorda-nos que, em Jesus, Deus se aproxima dos homens e participa na sua história. Nos nossos caminhos de vida, Jesus o Ressuscitado faz-se companheiro de viagem. Embora Ele vá ensinado longamente aos dois discípulos durante a viagem até Emaús, mas não havia nada a fazer, os seus olhos continuam a não se abrir. Ficam presos na história do sepulcro vazio e não acreditam. Nas suas mentes, que lutam sem serem capazes de compreender, a noite é escura. E esta noite torna-se o pretexto ideal para reter Jesus: «Fica connosco, porque é tarde e o dia já está a declinar».

Os dois discípulos exortam Jesus a ficar na casa deles, talvez porque seja perigoso viajar sozinho à noite, podem encontrar bandidos ou ser atacados por feras. No entanto, quando os seus olhos se abrem e reconhecem Jesus, voltam novamente para Jerusalém a meio da noite! Compreendemos então que Jesus se juntou aos discípulos, não na noite que cai ao fim da jornada, mas na **sua noite**, na noite das suas dúvidas e da sua relutância em acreditar no que a Escritura anunciava.

É na noite da sua dúvida e incompreensão que eles suplicam a Jesus que fique. Jesus aceita imediatamente o convite. Juntou-se a eles no que não compreendiam e já está algo a começar a mudar nos seus corações. E então aí ele entra para ficar com eles, ele quer ficar com eles. E a partir do momento em que os discípulos são iluminados na sua noite, a noite já não era um problema, voltaram para Jerusalém sem medo. Quando Cristo nos vem iluminar na nossa noite espiritual, Ele afugenta os receios, os medos profundos que habitam em nós e isso permite que nos aproximemos da noite da vida, da noite das provações, tendo fé em que o Senhor está connosco.

A nossa caminhada espiritual pode atravessar "a noite da fé"

Na vida de qualquer crente, incluindo místicos e santos, uma experiência espiritual bastante peculiar pode ocorrer em certos momentos da vida. O frade carmelita espanhol João da Cruz foi o primeiro a usar a expressão "a noite escura da alma", também chamada de "noite da fé". Uma provação espiritual em que já não se sente a presença de Deus durante um período mais ou menos longo da vida.

Uma experiência paradoxal que pode acontecer a todos os crentes, porque é no auge da fé que se vive a ausência de Deus. Muitos místicos e santos viveram-na, como Teresa de Lisieux, Marie Noël, Madre Teresa. O seu exemplo mostra-nos como «a vida cristã é uma luta» e também quão pouco suspeitamos do amor de que somos capazes e da nossa força criadora e da qual não devemos renunciar.

Marie Noël questionava-se sobre como suportar a bondade de um Deus criador perante a existência do mal. Ela perguntava a si mesma se não

havia um segundo Deus. E gritou claramente a sua revolta nos seus poemas.

Para a Madre Teresa, até mesmo o desejo de amar parecia desaparecer. Desde que deixou o convento para dedicar a vida aos mais pobres dos pobres, entrou "na noite da presença". Não sentia nada, nem sentimento, nem satisfação, nem sensibilidade, nem fervor, nem o desejo de rezar. Tudo o que lhe restava era o sofrimento, "que ela oferecia como única oração possível".

Quanto a Teresa de Lisieux, passou por uma purificação profunda que a levou a uma intimidade totalmente nova com Jesus e à descoberta do seu "pequeno caminho" que ela seguiu para amar Jesus e fazê-lo amar.

A promessa de Jesus: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos”

Jesus prometeu-nos isto. Ele estará connosco... e esta promessa não foi apenas dirigida aos discípulos, mas também é válida para nós hoje. O que significa esta promessa? É a certeza da presença de Jesus para nos reconfortar e fortalecer em tempos difíceis? Estará Jesus a prometer-nos que sentiremos ou veremos a sua presença, talvez através de respostas às orações ou em milagres?

No Antigo Testamento, é Deus quem faz a promessa, "Eu estarei convosco", a Isaac, a Jacob e a Moisés. E, de cada vez, Deus compromete-se a cumprir a sua promessa. A sua promessa para nós, através do seu Filho bem amado, é a de nos libertar das forças do mal e de nos oferecer a vida eterna na alegria dos filhos do Pai. O nosso caminho de fé é apenas um caminho para Ele no Amor. E nada nos poderá separar d'Ele e nos poderá privar do cumprimento desta promessa. Uma coisa nos é pedida: abrimo-nos à sua presença.

E cada um de nós hoje?... chamado a insistir com Jesus para ficar

Quando passamos pela noite das provações, das dúvidas, da tibieza espiritual... confrontados com questões demasiado dolorosas e o

caminho da fé se torna um caminho longo e incerto, onde não vemos nada e não compreendemos nada, somos tentados a fecharmo-nos em nós mesmos e a abandonar tudo.

Quando não compreendemos, quando somos bloqueados na nossa fé por uma situação, o Evangelho exorta-nos a invocar a presença do Senhor Ressuscitado. É a presença do Salvador que é capaz de alimentar a nossa fé e de pôr fim à nossa noite. Deixar-se acompanhar pelo Senhor, reivindicar a sua presença «Fica connosco», para que a sua presença e a sua palavra façam arder os nossos corações e iluminem as nossas mentes.

As nossas dúvidas e as nossas tristezas podem impedir-nos de compreender as promessas de Deus. Mas mesmo assim, mesmo que não compreendamos nada, podemos deixarmo-nos levar pela sua mera presença? Os dois discípulos sentiram algo mudar neles, ainda não tinham compreendido nada mas tinham um desejo, um desejo do coração de que Jesus ficasse com eles, como alguém que se começa a descobrir e a apreciar e de quem se quer saber mais. Jesus aceita ficar e passa a noite com eles.

A fé não se alimenta só de palavras, mas de uma presença

Tomo a iniciativa de convidar o Senhor a ficar comigo? Nos momentos de rezar, de orar, de meditar, de adorar o Santíssimo Sacramento... deixo que meu coração deseje e reivindique a Sua presença. Aprendo com os discípulos de Emaús a convidá-lo, a exprimir-lhe o meu desejo de não me isolar, mas de me abrir à sua misteriosa presença, mesmo na noite das provações, mesmo na noite da fé. Mesmo que seja tão incapaz de compreender, de sentir a sua presença e a sua intervenção na minha vida... isso não me impede de lhe dizer: "Permanece Senhor...", enche o meu vazio com a Tua presença, as minhas trevas com a Tua luz.

Fica connosco ... é esta a oração dos discípulos de Emaús

O itinerário dos dois discípulos oferece-nos um modelo e uma consolação que nos ajudam a descobrir a presença de Deus que caminha e fica

connosco. Uma bisavó costumava dizer ao seu neto padre: "Quando amas alguém, basta repetir-lhe palavras simples... basta pedir a Deus e aos seus santos que fiquem connosco." Tal era a sabedoria de uma avó em oração. Este texto de Emaús tranquiliza-nos com a descoberta da primeira oração proferida por estes dois discípulos: "Fica connosco, Senhor". Podemos torná-la nossa. Somos chamados a repetir esta oração bíblica, tão simples e profunda, que se tornou uma oração da Igreja primitiva.

E a nossa vida em casal?

Nas nossas equipas recebemos a graça de estar juntos para nos reabastecermos e afirmar que o casamento, se dispusermos dos meios para isso, é um caminho para a felicidade e para o crescimento na fé. Chamados a uma oração diária, a uma proximidade com o Senhor através da leitura regular da Bíblia, se possível juntos, pedimos ao Senhor que fique connosco.

A sua presença connosco não exclui os problemas, os momentos de cansaço e de desânimo. A santidade não está no sucesso permanente, nem está livre de tentações. As confidências de casais venerados como Louis e Zélie Martin (pais de Teresa de Lisieux), de Charles e Zita de Habsburgo, de Frédéric e Amélie Ozanam... revelam-nos três coisas a cultivar: aprender a amar, a servir e a acolher. O Papa Francisco descreve isto como um "caminho de amadurecimento, onde cada cônjuge é um instrumento de Deus para fazer crescer o outro. Tornam-se possíveis a mudança, o crescimento, o desenvolvimento das boas potencialidades que cada um tem dentro de si".

Em "Amoris Laetitia 221", o Papa afirma que cada matrimónio é uma «história de salvação», o que supõe partir duma fragilidade que, graças ao dom de Deus e a uma resposta criativa e generosa, pouco a pouco vai dando lugar a uma realidade cada vez mais sólida e preciosa. Somos chamados a viver uma vida ordinária de uma forma extraordinária, inspirando-nos na Palavra de Deus e deixando-lhe espaço entre nós.

Estas são algumas palavras inspiradoras desses casais sobre o amor conjugal:

- "Os nossos sentimentos estiveram sempre em uníssono" (Santa Zélie Martin)
- "Agora devemos ajudar-nos um ao outro a ir para o céu" (Beato Carlos da Áustria)
- "Vida terrena, vivida no pensamento permanente inspirado pelo próprio Deus, de fazer feliz a pessoa que amamos. É nisso que consiste o matrimónio" (Beata Maria Quattrocchi)
- "O amor é o desejo de trazer alívio, consolação, prazer ao amado e a preocupação constante de satisfazer os seus desejos mais secretos e inimagináveis" (Beata Maria Quattrocchi)
- "Tu sabes bem, minha amada, que a vida é uma escola na qual Deus educa os cristãos: nesta escola há anos trabalhosos e difíceis... mas também sabes que o Mestre é bom, que as lições só procuram tornar-nos melhores e mais perfeitos" (Beato Frédéric Ozanam)

Podemos refletir pessoalmente e em casal a partir deste trecho do livro de Nouwen:

"Jesus é uma pessoa muito interessante, as suas palavras são cheias de sabedoria. A sua Presença é reconfortante. A sua gentileza e a sua bondade tocam-nos profundamente. A sua mensagem está cheia de desafios. Mas será que O convidamos para entrar em nossa casa? Queremos que Ele aprenda a conhecer-nos como somos realmente, por trás dos muros da nossa intimidade? Queremos apresentá-Lo a todos os que nos são queridos? Queremos que Ele nos veja na nossa vida diária? Aceitamos que nos toque nos pontos mais vulneráveis? Queremos que Ele visite as traseiras da nossa casa, os quartos que preferimos manter duplamente trancados? Queremos mesmo que Ele viva connosco quando começa a escurecer, quando o dia está a acabar?"

E o mundo em que vivemos?

O nosso quotidiano, no meio deste mundo, pode parecer humilde e escondido. Até o amor que temos um pelo outro, pela nossa família, pode ser vivido discretamente, silenciosamente... Enquanto a vida do mundo procura a propaganda, o sucesso, os aplausos, os holofotes, as afirmações narcisistas nas redes sociais...

O Nosso Senhor Ressuscitado chama-nos a habitar com Ele, n'Ele no amor, na paz... enquanto o mundo nos chama ao ódio e à divisão, à guerra e à destruição, a tomar partido de uns contra os outros...

Enquanto o Nosso Senhor nos chama a viver a caridade, o mundo empurra-nos para a indiferença e para o individualismo.

Qual é a nossa posição diante do que o mundo nos oferece? Acreditamos no valor dos pequenos gestos que podem mudar o mundo, mudar-lhe o rosto, tal como o fermento na massa?

O que o Padre Caffarel partilha connosco sobre a oração, que é uma intimidade com Deus que está sempre à nossa espera

"Um sentimento de angústia toma conta de nós quando, à nossa chegada a uma cidade desconhecida (no porto, na estação de comboios, no aeroporto), não está lá ninguém para nos acolher. Por outro lado, se um rosto alegre nos saúda, se há mãos que se estendem para nós, somos de imediato maravilhosamente reconfortados, libertados da impressão cruel de estarmos perdidos, desorientados. Qual é então a importância destes costumes, desta língua, de toda esta grande cidade desconcertante: podemos suportar muito bem ser para todos um estranho, desde que para alguém sejamos um amigo.

Também é reconfortante descobrir nos nossos anfitriões o que eles esperavam por nós. Pais e filhos não precisam dizer muito para que adivinhemos: o acolhimento, uma certa qualidade de ansiedade é suficiente. E no nosso quarto algumas flores, este livro de arte (porque são conhecidos os nossos gostos) acabam de nos persuadir.

Gostaria, caro amigo, que, quando fores rezar, tenhas sempre a forte convicção de seres esperado: esperado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito

Santo, esperado na Família trinitária. Onde o teu lugar está pronto: recorda-te, pois, do que Cristo disse: "Vou preparar um lugar para vós". Talvez possam argumentar que falava do céu. É verdade. Mas a oração é precisamente o céu, ou pelo menos o que é a sua realidade essencial: a presença de Deus, o amor de Deus, o acolhimento de Deus ao seu filho. O Senhor está sempre à nossa espera.

Melhor ainda: assim que tenhamos dado alguns passos, ele vem ao nosso encontro. Recordem-se da parábola: «Ainda ele estava longe, quando o seu pai o viu e se compadeceu profundamente; correndo, então, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o repetidamente». E, no entanto, este filho tinha ofendido gravemente o pai. Ainda assim, era ansiosamente aguardado."⁷

O que o Papa Francisco partilha connosco

De facto, se o Deus do céu está próximo, não estamos sozinhos na terra e mesmo nas dificuldades, não perdemos a confiança. Esta é a primeira coisa a dizer às pessoas: Deus não está distante, Ele é Pai. Deus não está longe, é Pai, conhece-te e ama-te; Ele quer segurar a tua mão, mesmo quando andas por caminhos íngremes e acidentados, mesmo quando caís e tens dificuldade para te levatares e voltar ao caminho; Ele, o Senhor, está contigo. Mais ainda, muitas vezes, nos momentos em que estás mais fraco, podes sentir com mais força a Sua presença. Ele conhece o caminho, Ele está contigo, Ele é teu Pai! Ele é meu Pai! Ele é nosso Pai!

Fixemo-nos nesta imagem, porque anunciar que Deus está próximo é um convite a considerarmo-nos como uma criança que caminha segurando a mão do pai: tudo parece diferente. O mundo, grande e misterioso, torna-se familiar e seguro, porque a criança sabe que está protegida. Não tem medo e está a aprender a abrir-se...

Anunciar que Deus está próximo. Mas como fazê-lo? No Evangelho, Jesus recomenda não dizer muitas palavras, mas fazer muitos gestos de amor e

⁷ Henri Caffarel, Na *Presença de Deus. Cent lettres sur la prière*, nº1 Vous êtes attendu

esperança em nome do Senhor; não dizer muitas palavras, mas fazer gestos...

Coloquemos, então, algumas questões a nós próprios: nós, que acreditamos num Deus próximo, confiamos n'Ele? Será que sabemos olhar para o futuro com confiança, como uma criança que sabe que está a ser levada nos braços do pai? Sabemos sentar-nos no colo do Pai pela oração, pela escuta da Palavra, aproximando-nos dos sacramentos? E, finalmente, estreitamente unidos a Ele, sabemos incutir coragem aos outros, aproximar-nos dos que sofrem e que se sentem sós, dos que estão longe e até dos que nos são hostis? Este é o aspeto concreto da fé, é isto que conta...

Testemunho do Padre Louis de Raynal, CE em França:

"Durante 5 anos e até ao ano passado, exerci uma missão muito bela dentro das Equipas de Nossa Senhora: a de conselheiro espiritual da equipa responsável pela Supra-Região França-Luxemburgo-Suíça. Em todos os nossos encontros mensais em Paris, começávamos de manhã com a oração: meia hora de oração e de oração partilhada. Posso testemunhar sinceramente que esta tem sido a fonte da nossa unidade e da nossa alegria. A oração colocava-nos na atitude fundamental da escuta de Deus e da sua Palavra, base de todo o discernimento. A oração em comum foi uma boa maneira de nos encontrarmos em profundidade, de forjarmos uma alma comum, de tomarmos consciência da presença de Cristo no meio de nós. E ao celebrar a Eucaristia tornávamo-nos no Corpo de Cristo. Na nossa equipa, também tivemos tempo para nos conhecermos. Aproveitávamos algumas refeições para pôr em comum os acontecimentos do mês anterior, as alegrias e as tristezas, as preocupações familiares, profissionais e eclesiais. Vivemos também momentos de gratuidade e festa. Nos encontros nacionais que organizámos, os participantes puderam perceber a comunhão fraterna e o entusiasmo que nos animavam. Mas às vezes a alegria e a paz estavam mais escondidas... pois estávamos com algum stress, confiando demais em nós mesmos e pouco no Senhor.

Abrandar o passo

O Papa Francisco repetiu repetidamente esta frase que tem o valor de uma parábola: «O pastor caminha diante do rebanho para indicar o caminho; caminha atrás do rebanho para encorajar os fracos e vigiar as ovelhas que se possam perder; e caminha no meio do rebanho porque faz parte dele e é bom que o pastor tenha o cheiro do rebanho.» A sinodalidade é aprender a caminhar em sintonia com as pessoas mais frágeis. Muitas vezes participei na peregrinação diocesana a Lourdes. Fico muito impressionado com a procissão eucarística que se realiza todas as tardes no Santuário. Peregrinos de todas as nacionalidades, jovens e velhos, ricos e pobres, caminhamos todos ao mesmo ritmo. Mas quem regula a velocidade da marcha? São os nossos irmãos e irmãs doentes carregados em macas ou empurrados em cadeiras. E no meio de todo este povo reunido está o Senhor presente na Hóstia Sagrada. Uma bela imagem de comunhão na Igreja!

Esta aprendizagem de "abrandar o passo" vive-se naturalmente em família. No nosso mundo, que quer ser forte e eficaz, fico sempre emocionado quando encontro famílias: pais que se adaptam ao ritmo dos filhos pequenos, a mãe que aproveita a pausa para alimentar o bebé, os mais velhos que cuidam dos mais novos, as famílias que ao acolherem uma criança com deficiência conhecem o ritmo lento e o tempo gratuito. Todo um ritmo a ser tomado numa miríade de pequenos gestos diários... Através do amor prioritário do pequeno e do acolhimento incondicional do inesperado, a família é um modelo do cuidado que a sociedade como um todo deveria prestar às pessoas vulneráveis. No nono capítulo da *Amoris Laetitia*, dedicado à espiritualidade conjugal e familiar, o Papa Francisco diz que se trata de uma "espiritualidade da solicitude, da consolação e do estímulo". A família, diz, "foi desde sempre o 'hospital' mais próximo" (AL 321). Segundo o padre Henri Caffarel, a prática da hospitalidade é o apostolado específico do casal e da família. Através do acolhimento e do testemunho, «os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público,

colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa» (AL 184).

O acompanhamento espiritual

Nas Equipas de Nossa Senhora temos a graça de viver uma verdadeira comunhão entre os casais unidos pelo sacramento do matrimónio e os sacerdotes que são conselheiros espirituais. O Padre Caffarel recordava constantemente a complementaridade dos sacramentos da Ordem e do Matrimónio, *«esses dois sacramentos sobre os quais repousa o crescimento do Corpo de Cristo»*. Esta complementaridade traduz-se em laços humanos e fraternos. Cada um encontra nela a alegria de partilhar sucessos, o encorajamento para perseverar, a compaixão e o conforto diante das dificuldades. Há contributos em ambos os sentidos. Somos guardiões dos tesouros uns dos outros. Tal como os casais partilham comigo as riquezas e as dificuldades na sua caminhada espiritual, partilho também com eles as maravilhas e as provações do meu sacerdócio. Ao partilhar a vida da equipa, estou com eles, padre pela graça do sacramento da Ordem e, ao mesmo tempo, irmão entre irmãos. A equipa é, para mim, um lugar importante de partilha, de apoio, de equilíbrio e de humanização. O carisma das Equipas de Nossa Senhora é uma pedagogia do crescimento espiritual, ajudando os casais a explorar o tesouro da graça do sacramento do matrimónio. Em 1981, o Padre Henri Caffarel testemunhava: "Lutei muito durante anos para tentar compreender melhor o que é o sacramento do matrimónio. Tenho dito e repetido mais do que nunca: é a aliança de Cristo e do lar. E para clarificar a palavra aliança, que pode ser vaga, acrescento: Cristo está presente no lar." Este tesouro pode ser definido como uma aliança, isto é, uma caminhada com Cristo para amar, pessoalmente e em casal, e para dar muitos frutos. O desejo de progredir é essencial. Ao serviço deste crescimento estão os padres conselheiros espirituais e os guias espirituais. O Pe. Ricardo Londoño, que termina o seu mandato como conselheiro espiritual da Equipa Responsável Internacional, dizia aos sacerdotes conselheiros espirituais e aos guias espirituais das equipas, quando iniciou a sua missão há 6 anos:

"Fomos convidados a acompanhar, a animar e a servir os casais das nossas equipas e a graça do Senhor reforça a nossa disponibilidade. Que possamos ser verdadeiras testemunhas do amor de Deus e dos caminhantes que partilham as exigências de um Movimento do qual fazemos parte e que nos oferece os meios para nos santificarmos e vivermos o nosso ministério".

Casais, padres, diáconos, religiosos, religiosas ou leigos, cada um com as suas forças e fraquezas, fazemos parte da mesma grande família. Tal como nos convida o Papa Francisco, aprendamos a caminhar juntos rumo à santidade: «Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida.» (AL 325). Afinal não é isso que é a sinodalidade: testemunhar, todos juntos e cada um com a sua própria graça, que «Deus é Amor» (1Jo 4, 8)?

Padre Louis de Raynal

Oração

Fica connosco, Senhor! Como os dois discípulos do Evangelho, também nós te imploramos, Senhor Jesus: fica connosco! Tu, divino Peregrino, perito nos nossos caminhos e conhecedor do nosso coração, não nos deixes prisioneiros das sombras da noite.

Ampara-nos no cansaço, perdoa os nossos pecados e orienta os nossos passos pelo caminho do bem.

Abençoa as crianças, os jovens, os idosos, as famílias e particularmente os enfermos. Abençoa os sacerdotes e as pessoas consagradas. Abençoa toda a humanidade.

Na Eucaristia, Tu fizeste-te "remédio de imortalidade": dá-nos o gosto de uma vida plena, que nos ajude a caminhar sobre a terra como peregrinos seguros e alegres, olhando sempre para a meta da vida eterna.

Fica connosco, Senhor! Fica connosco! Amém!

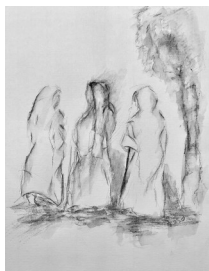
(Missa de abertura do Ano Eucarístico, Basílica de São Pedro, Roma, 17 de outubro de 2004)

Perguntas para partilhar em casal

- 1- «Fica connosco, Senhor», em que circunstâncias da nossa vida de casal podemos fazer hoje esta oração?
- 2- De que formas nos podemos inspirar nas palavras citadas de casais venerados (mencionadas no texto). De que formas cultivamos o nosso amor conjugal?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- Podemos partilhar uma experiência em que chamámos o Senhor para ficar connosco? Que alívio, consolação recebemos?
- 2- Qual dos aspetos evocados pelo Padre Caffarel sobre a oração me marca mais hoje? Houve uma mudança na maneira como vivo a oração? Qual?



Cap. 7: Acolher o Pão partido

“E aconteceu que, quando Ele se reclinou com eles à mesa, tomando o pão, pronunciou a bênção e, partindo-o, deu-lho. Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no, mas Ele deixou de lhes ser visível. Diziam, então, um ao outro: «Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos abria as Escrituras? (Lucas 24:30-32)

Esperamos que o que aconteceu aos discípulos de Emaús possa acontecer a cada um(a) de nós. Esta passagem de «fugitivos» para «peregrinos», onde Deus se tornou um companheiro de viagem (percebido como um estranho ou um desconhecido no início) que, através das suas palavras, lhes devolve o Espírito para compreender e lhes abre o coração para acolher. "Fica conosco", dizem-lhe, confiaram nele o suficiente para o deixarem entrar na sua intimidade. E Jesus entra na casa deles. Mas aí, aquele que deveria ser o convidado, torna-se Ele próprio o anfitrião e eles são levados a entrar na vida interior de seu anfitrião.

Partir o pão: a origem do gesto

Partir o pão não é um gesto inventado por Jesus, mas um ritual que fazia parte da tradição judaica. Este gesto era realizado pelo Pai de família em todas as refeições religiosas nos dias de Sabat e de festa, especialmente durante a Páscoa, em que o pão é ázimo.

Um outro ritual judaico contém também um gesto de partilha, o dos sacrifícios de comunhão, de que faz parte o sacrifício pascal. É um ato religioso em duas etapas: a primeira no Templo, onde o cordeiro é sacrificado e partilhado, a segunda em casa, onde a porção do cordeiro atribuída à família é comida (sendo o sangue a porção de Deus e a coxa direita a parte para o sacerdote - que faz o sacrifício). É a comunhão entre os três, Deus, o sacerdote e a família que comem a mesma refeição

enquanto convidados para a mesma mesa. Jesus retoma então este gesto na Última Ceia e dá-lhe um sentido cristão, um sentido crístico, ao dizer: "Fazei isto em memória de mim".

Também acontece todos os dias nas nossas casas

Sem o pão que é tomado, abençoado, partido e partilhado não há camaradagem à mesa, nem laços de amizade, nem paz, nem amor, nem esperança. E, no entanto, com Ele, este gesto, tão simples, tão comum, torna-se tão diferente. Porque, com Ele, tudo se pode tornar novo, tudo se renova.

Todos nós conhecemos esse desejo de trazer para a mesa o melhor de nós mesmos. Dizemos: "Comam e bebam, preparei esta refeição para vós. Levem mais, está aí para aproveitarem, para vos dar forças, para que possam sentir o quanto vos amo." O que queremos, no fundo, é muito mais do que dar de comer, é dar um pouco de nós mesmos.

Na Eucaristia, Jesus dá tudo o que tem, dá-se a si mesmo

O pão não é apenas um sinal do Seu desejo de se tornar nosso alimento, o cálice não é apenas um sinal do Seu desejo de se tornar a nossa bebida. O pão e o vinho tornam-se o Seu corpo e o Seu sangue através do **dom**. O pão é realmente o Seu corpo entregue por nós; o vinho é o Seu sangue derramado por nós. Assim como Deus se torna plenamente presente para nós em Jesus, também Jesus se torna plenamente presente para nós no pão e no vinho da Eucaristia. A Encarnação e a Eucaristia são as duas expressões do amor imenso e gratuito de um Deus que nada guarda para si, mas tudo dá, que se dá inteiramente.

O mistério da «comunhão» com Deus

A palavra que melhor descreve este mistério do dom total de Deus que se entrega por amor é a palavra «comunhão». O sacrifício da cruz e o sacrifício à mesa são um só e mesmo sacrifício, dom completo que Deus faz de si mesmo, estendendo a mão a toda a humanidade no tempo e no espaço.

Em e através de Jesus, Deus quer não só ensinar-nos, instruir-nos ou inspirar-nos, mas tornar-se um conosco. Deus quer unir-se completamente a nós para que todo o seu ser e todo o nosso ser possam estar ligados num amor eterno. A longa história da relação entre Deus e a humanidade é a de uma comunhão cada vez mais íntima. Uma história em que Deus procura constantemente novas formas de comungar intimamente com aqueles que criou à sua imagem.

E cada um de nós hoje?

Deus procura a comunhão com cada um de nós: uma unidade vital e viva, uma intimidade plenamente partilhada, um vínculo verdadeiramente recíproco. Nada forçado ou imposto, mas uma comunhão oferecida livremente e livremente aceite. Deus não recuará diante de nada para tornar possível esta comunhão.

A comunhão é o que Deus deseja... mas também o que queremos. É um apelo que vem das profundezas do coração de Deus e do nosso, pois o nosso coração só pode ser satisfeito por Aquele que o criou. Deus colocou em cada um de nós um desejo ardente de comunhão que mais ninguém pode ou deseja satisfazer. Deus sabe-o, mas raramente tomamos consciência disso.

Santo Agostinho diz: «A minha alma não encontra descanso enquanto não repousar em ti, Senhor». Mas quando estudo a sinuosa história da nossa própria salvação, descubro não só que desejamos pertencer a Deus, mas que Deus também deseja pertencer a nós. É como se Deus nos estivesse a chamar dizendo: "O meu coração não encontrará descanso até que eu possa descansar em ti, minha amada criação". Desde Adão e Eva até Abraão e Sara, de Abraão e Sara até David e Betsabé, e de David e Betsabé até Jesus e de Jesus até nós, Deus implora que O acolhamos nas nossas casas. "Criei-vos, dei-vos todo o meu amor, guiei-vos, ofereci-vos o meu apoio, prometi realizar todos os desejos dos vossos corações: onde estais, aguardo a vossa resposta, onde está o vosso amor? O que mais preciso fazer para que me amem? Vou tentar outra vez, não vou desistir. Um dia irão descobrir o quanto eu desejo o vosso amor!"

Até que ponto me permito ser atraído(a) por este amor divino? Estou pronto(a) para entrar nesta comunhão de amor?

E a nossa vida em casal?

Na sua exortação apostólica *Familiaris Consortio*, João Paulo II explica como o amor no casal é fortalecido pela Eucaristia. Depois dos primeiros anos de casamento e das emoções do início que gradualmente desaparecem, o amor entre os cônjuges evolui para algo mais profundo. Às vezes este é um marco difícil de superar para muitos casais e pode ser tentador procurar o amor noutro lugar. É precisamente nestes momentos delicados que o casal necessita de alimentar o seu amor com a ajuda da Eucaristia. João Paulo II escreve nesta carta:

«A Eucaristia é a fonte própria do matrimónio cristão. O sacrifício eucarístico, de facto, representa a aliança de amor de Cristo com a Igreja, enquanto sigilada com o sangue da sua Cruz. Neste sacrifício da Nova e Eterna Aliança é que os cônjuges cristãos encontram a raiz da qual brota, é interiormente plasmada e continuamente vivificada a sua aliança conjugal!»

Jesus torna-se alimento para nós na Eucaristia; este exemplo de sacrifício e este desejo de comunhão íntima tornam-se para nós um modelo a seguir. Longe de atingir o ápice desse amor, somos convidados a tentar refleti-lo no que está ao nosso alcance no nosso casal.

A Eucaristia torna-se fonte de caridade

João Paulo II explica também em que medida receber Jesus na comunhão pode alimentar a vida de caridade nas nossas casas:

"Como representação do sacrifício de amor de Cristo pela Igreja, a Eucaristia é fonte de caridade. E no dom eucarístico da caridade a família cristã encontra os alicerces e a alma da sua «comunhão» e da sua «missão»: o Pão eucarístico faz dos diversos membros da comunidade familiar um único corpo, revelação e participação na mais ampla unidade da Igreja; a participação pois no Corpo «dado» e no Sangue «derramado»

de Cristo torna-se fonte inesgotável do dinamismo missionário e apostólico da família cristã.”

Se Jesus é a fonte de todo o amor, por que não recorrer a Ele para renovar o amor no seio do casal e da família? São Paulo já tinha feito a ligação perfeita entre o amor conjugal e o amor encarnado por Jesus. Na sua carta aos Efésios, as suas palavras recordam-nos que devemos amar-nos uns aos outros como Cristo nos ama, com aquele amor tão claramente manifestado por Ele na Eucaristia: «Maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela». (Ef 5,25)

O Beato Pier Giorgio Frassati escreve na sua carta de 29 de julho de 1923: «Exorto-vos com toda a força da minha alma a que se aproximem da Mesa Eucarística sempre que possível. Porque Jesus Cristo prometeu a vida eterna e as graças necessárias para a obter àqueles que dela se alimentam." Deixemo-nos levar por estas palavras e ousemos aproximarmos da fonte viva que reacenderá o nosso amor a qualquer momento. Permaneçamos confiantes de que, se oferecermos o nosso amor conjugal com o coração humilde, com todas as nossas imperfeições e limitações, esta fonte será capaz de fazer emergir em nós uma dinâmica e uma vida novas.

Atrevamo-nos a ajoelhar-nos juntos diante do Santíssimo Sacramento. Atrevamo-nos a colocar aí toda a nossa vida de casal, em família com as suas alegrias e tristezas. É aí que receberemos todas as graças. Aproximemo-nos juntos para a comunhão, é aí que estaremos unidos num só corpo. "O que acontece aos que recebem a comunhão? O corpo de Cristo: não são muitos corpos, mas um só. Assim, estamos unidos uns com os outros e com Cristo." (Homilia 21 sobre 1Cor 10, 16-17)

E o mundo em que vivemos?

"Reconheceram-no, mas Ele deixou de lhes ser visível." No exato momento em que o reconhecem ao partir o pão, ele já não está no meio deles, já não o veem sentado à mesa. Quando se torna mais presente para eles, precisamente porque a reconheceram, torna-se ausente. É aqui que

tocamos num dos aspetos mais sagrados da Eucaristia: o mistério através do qual a comunhão mais íntima com Jesus se realiza na sua ausência. Para eles, que estavam com Ele há muito tempo na sua pregação, já antes se tinha tornado o seu guia e mestre. Tinham permanecido com Ele, tinham-se sentado aos seus pés, sido testemunhas das suas obras e ensinamentos, pensavam que o conheciam... Mas ainda não tinham entrado plenamente em comunhão com Ele. O seu corpo e o seu sangue ainda não se tinham unido aos deles. De muitas maneiras, Ele permanecera o outro, fora deles, aquele que caminha diante deles para lhes mostrar o caminho.

Agora, ao comerem o pão que Ele lhes oferece e ao reconhecê-lo, esse reconhecimento torna-se uma tomada de consciência espiritual de que Ele agora reside no mais profundo do seu ser, que Ele respira neles, que Ele fala através de suas bocas, que Ele vive neles. Quando comem o pão que Ele lhes oferece, as suas vidas transformam-se na Sua. Já não são eles que vivem, mas Jesus, Cristo ressuscitado, que vive neles. E é neste momento mais sagrado da comunhão que Ele desaparece dos seus olhos.

É o que vivemos na celebração da Eucaristia. É também o que vivemos quando a nossa vida se torna eucarística no meio do mundo. E a nossa presença no mundo torna-se a sua presença, através de nós. As suas mãos podem trabalhar no mundo através das nossas. As nossas palavras refletirão as suas palavras, os nossos gestos de amor e solidariedade, de justiça e de fraternidade falarão d'Ele.

Estar em comunhão com Jesus significa tornar-se semelhante a Ele. Ele é o nosso modelo, o único em quem depositamos a nossa confiança e a nossa esperança face aos exemplos que o mundo nos apresenta. Com Ele somos pregados na cruz, com Ele somos sepultados, com Ele ressuscitamos. Estar em comunhão, tornar-se semelhante a Cristo, leva-nos a um novo modo de ser. De novas testemunhas, construtoras de um mundo novo.

O que o Padre Caffarel partilha connosco sobre o matrimónio e a Eucaristia

"Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e Eu nele. Assim como o Pai que vive me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também quem me come viverá por mim." (Jo 6:57)

Quando se lê esta página extraordinária, como não pressentir a excepcional grandeza do matrimónio de dois cristãos? Marido e mulher, vós que comeis a carne de Cristo, que permaneceis n'Ele, e Ele em vós, como não vos amareis um ao outro com um amor bem diferente do dos outros homens, com um amor ressuscitado? Podem olhar um para o outro, pôr em comum as vossas tristezas e alegrias, entregar-se um ao outro com todo o vosso coração, com todo o vosso corpo, para se entreatuar durante todo o caminho, sem sentir que estão a viver um mistério muito grande?

(Padre Caffarel, "Mariage et Eucharistie ", L'anneau d'or, n'117-118, "Le mariage, route vers Dieu ", maio-agosto de 1964)

O que o Papa Francisco partilha connosco sobre o efeito transformador da Eucaristia

"Se ao saíres da missa estás como entraste, algo não funciona... a Eucaristia é a presença de Jesus. É profundamente transformadora...

Toda vez que participamos de uma Eucaristia, Jesus vem e Jesus nos dá a força para amar como Ele amou. A celebração eucarística é um encontro com Jesus ressuscitado e, ao mesmo tempo, uma forma de nos abirmos ao mundo, como Ele nos ensinou... Dá-nos coragem para sair ao encontro do outro, para sair de nós mesmos e para nos abirmos com amor aos outros... Deixai-vos transformar pela Eucaristia. Rezemos para que os católicos coloquem no centro das suas vidas a celebração da Eucaristia, que transforma as relações humanas e nos abre ao encontro com Deus e com os irmãos".

(Na sua intenção de oração para o mês de julho de 2023, o Papa Francisco convida os crentes a deixarem-se transformar pela Eucaristia, fonte e ápice de toda a vida cristã.)

Oração (São João Crisóstomo)

«Dignai-vos, ó Filho de Deus, admitir-me hoje na Vossa Santa Ceia!»:

«Creio, Senhor e confesso, que em verdade Tu És Cristo, Filho de Deus vivo e que vieste ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Creio ainda que este é o Teu Puríssimo Corpo e que este é o Teu próprio precioso Sangue. Suplico-Te, pois, tem misericórdia de mim e perdoa-me as minhas faltas voluntárias e involuntárias, que cometi por palavras ou ações, com conhecimento ou por ignorância, e concede-me sem condenação receber Teus puríssimos Mistérios para remissão dos pecados e para a vida eterna. Da Tua Ceia Mística, aceita-me hoje como participante, ó Filho de Deus; pois não revelarei o Teu Mistério aos Teus inimigos, nem Te darei o beijo como Judas, mas como o ladrão me confesso: lembra-Te de mim, Senhor, no Teu Reino eterno.»

Testemunho

Conhecemo-nos e a nossa relação desenvolveu-se à sombra de compromissos para com as pessoas – todas as pessoas, nas equipas de primeiros socorros da Cruz Vermelha e nos escuteiros. A nossa ligação consolidou-se em torno de uma convicção em princípios e valores sublimes tais como amizades boas e desinteressadas, devoção altruísta, apoio incondicional à família e a gratuidade de Deus na natureza e nos homens de boa vontade. Casámo-nos muito jovens e fundámos assim a nossa família num casamento a três com Jesus, parceiro integral do nosso projeto. Sonhámos e tivemos grandes sonhos.

Tínhamos lido muitos guias sobre o assunto, consultado amigos sábios, padrinhos escuteiros e conselhos de capelães e tínhamos decidido desde o início que esta viagem, este amor, que nos parecia enormemente impressionante, nunca se poderia realizar sem a Sua presença no coração do nosso casal, da nossa família. Estávamos cientes de que o projeto era pesado sobre nossos ombros de novatos. Assim, pouco a pouco, fomos rodeando de bons apoios, sólidos e fiáveis, as nossas atividades foram convergindo para serem, acima de tudo, úteis, construtivas e agradáveis

em estreita consonância com os nossos valores. Os nossos relacionamentos foram sendo aligeirados de toxicidades e trivialidades. “Se perderes a estrada, fá-la”, esta expressão dos escuteiros retirada da cerimónia de promessa dos Caminheiros tornou-se nossa palavra de ordem para ir de caminhantes por *uma* estrada a peregrinos *na* estrada que leva a Deus, o nosso ideal.

As graças do Senhor foram abundantes. Os nossos filhos, a nossa maior felicidade, cresceram em saúde, sabedoria e fé. A nossa casa tornou-se uma casa de acolhimento de Jesus através dos convidados. A nossa mesa de cozinha hexagonal tornou-se o lugar privilegiado para belos encontros cordiais, para trocas intensas e amizades calorosas. De acordo com o costume local, tão antigo quanto o cananeu deste lado do mundo, enquanto não houver "pão e sal" partilhados não há amizade verdadeira, selada em torno de uma refeição familiar, generosa e hospitaleira. De facto, esta tradição de partilha do pão, enraizada no libanês popular, é um símbolo de abertura, de convivialidade e de confiança – tanto quanto o abraço e os três beijos (a Trindade!) na face, simbolizando que é Cristo que recebemos. Finalmente, como um hábito herdado de nossos pais, muitas vezes mantemos um lugar extra para o hóspede "inesperado" que se juntará a nós e que *abençoará* o nosso pão.

No entanto, nem tudo correu como esperávamos. Assim como as graças, não foram raras as convulsões da vida, tal como as provações e os sofrimentos devastadores. Os membros da nossa Equipa e as fortes amizades forjadas antes das convulsões foram um enorme apoio vital para nós. A meditação sobre a oração do Padre Pio "Permanece comigo, Senhor Jesus" e a visão de Santa Verónica agarrada ao hábito de Cristo (Mt9,20-22; Mc5,25-34; Lc8:43-49) sempre nos insuflaram fé e coragem para nos levantarmos e continuarmos a nossa jornada. Mesmo nos muitos momentos "sem": sem amor, sem alegria... Para onde ir? A Quem recorrer, se o coração não estava n'Ele. Procurávamos a Sua presença no meio dos nossos tempos de desânimo, de incerteza e de perda de sentido. À noite, enrolados em nós próprios, imaginávamos-mos aconchegados a Maria, embrulhados no seu manto tranquilizador e protetor e que ela nos

apresentava ao seu Filho e só então sentíamos a Sua presença. Juntos, com Maria e graças ao Senhor, aguentámos.

Agora, ao aproximarmo-nos de nossa quarta idade, embora ainda muito ativos, esperamos que, no final de nossa jornada por aqui, sejamos capazes de Lhe apresentar a nossa fé inabalável na Sua promessa e na fidelidade dos nossos começos.

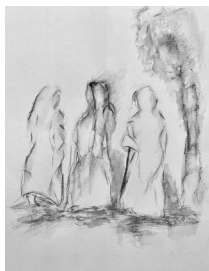
Rita e Youssef Zgheib

Perguntas para partilhar em casal

- 1- Qual é o lugar que damos à Eucaristia (à missa, à adoração) na nossa vida de casal, de família?
- 2- Que compreensão temos agora, depois de ler este capítulo, sobre o mistério da comunhão?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- São Carlos de Foucauld medita muitas vezes sobre a presença de Cristo na Eucaristia, mas também em cada pessoa que encontra...
Somos capazes de ver, através dos olhos da fé, o Cristo que habita no meu cônjuge?
Em que medida isso muda o meu comportamento e a minha atitude em relação a ele(ela)?
- 2- Quais são as nossas necessidades, as nossas propostas para crescermos juntos e para nos apoiarmos mutuamente no aprofundamento da nossa relação com a Eucaristia? (Ao nível de cada casal e ao nível de toda a equipa como uma pequena comunidade).



Cap. 8: No coração das nossas equipas, e da Igreja

“E, levantando-se, nessa mesma hora voltaram para Jerusalém. Encontraram reunidos os onze e os que estavam com eles, que diziam: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão». Então eles contaram o que acontecera no caminho, e como Ele se lhes dera a conhecer na fração do pão.” (Lucas 24:33-35)

Chegámos agora ao último tema do nosso caminho com os discípulos de Emaús. Cada tema marcou uma etapa na nossa própria caminhada na fé. Uma caminhada de aprofundamento pessoal e como casal para nos ajudar a viver hoje a nossa fé, iluminados por esta maravilhosa experiência destes dois discípulos que tanto têm inspirado os fiéis há muitas gerações.

Agora mesmo... Não há tempo a perder. Podemos imaginá-los. Rapidamente calçam as sandálias, vestem as capas, pegam nos cajados e voltam para junto dos outros discípulos. Estes precisam de saber que não acabou tudo. Que as mulheres que contaram as palavras dos anjos falaram a verdade.

Tudo mudou: As perdas já não parecem fracassos. Os dois viajantes, que começaram a viagem com os rostos abatidos, olham-se agora com os olhos cheios de uma nova luz. O estranho que se tornou seu amigo, deu-lhes o seu espírito, um espírito divino de alegria, de paz, de coragem, de esperança e de amor. Já não há dúvidas nas suas mentes: Ele está vivo! Não vivo como antes, tal como era o fascinante pregador e curandeiro de Nazaré, mas vivendo como um novo sopro dentro deles. Cléofas e o seu amigo estão renovados. Foi-lhes dado um novo coração, um novo espírito. A sua própria amizade foi transformada. Já não são os amigos que se podem consolar e reconfortar um ao outro enquanto lamentam as suas

perdas, mas pessoas encarregadas de uma nova missão. Juntos, eles têm algo a dizer, algo importante, urgente, algo que não pode ficar em segredo, algo que precisa de ser proclamado.

Entre o regresso a casa... e o regresso a Jerusalém, qual é a diferença?

É a diferença entre a dúvida e a fé, entre o desespero e a esperança, entre o medo e o amor. É a diferença entre dois seres humanos abatidos, arrastando-se pela estrada, e dois amigos caminhando depressa, às vezes correndo, animados para partilhar a notícia. O primeiro foi percorrido durante o dia, mas numa escuridão interior, enquanto o segundo foi percorrido à noite, apesar do cansaço corporal, mas iluminados pela força da graça que lhes foi concedida. Além disso, este regresso não está isento de perigo. Depois de Jesus ter sido morto, os seus discípulos têm medo. Questionam-se sobre qual o destino que os espera, mas agora estão livres para testemunhar a ressurreição, apesar dos custos a pagar. Eles tomam consciência de que as mesmas pessoas que detestaram Jesus podem odiá-los por sua vez, que as mesmas pessoas que mataram Jesus talvez os possam matar. O seu regresso poderia custar-lhes a vida. Podem pedir-lhes para testemunhar, não apenas em palavras, mas com o seu próprio sangue. Mas já não têm medo, nem mesmo do martírio. O Senhor Ressuscitado, que está presente vivendo neles, encheu-os de um amor mais forte do que a morte.

Entre a celebração eucarística e uma vida eucarística

No capítulo anterior meditámos sobre o pão partido e o significado profundo da comunhão: aquela intimidade sagrada com Jesus e, através d'Ele, com o próprio Deus. Mas o reconhecimento de Jesus na Hóstia Sagrada não é apenas um momento para ser saboreado ou mantido em segredo. A Eucaristia termina com um envio em missão. "Ide agora dar testemunho." Tal como Maria Madalena, estes dois amigos também ouviram este apelo no mais profundo deles mesmos. Ir e dar testemunho: esta é a conclusão eucarística, é também o apelo final de uma vida eucarística: «Ide e dai testemunho do que vistes e escutastes, não o

gardeis para vós mesmos. Esta mensagem é para os vossos irmãos e irmãs e para todos os que estão prontos para a escutar. Vamos, não parem, não esperem, não hesitem mas passem à ação..."

E cada um de nós hoje?... chamado a ter uma vida eucarística

É aqui que termina a história de Cléofas e do seu amigo, quando transmitem aos Onze e aos seus companheiros o seu testemunho. Mas a missão continua. A narrativa do que aconteceu na estrada e à volta da mesa marca o início de uma vida missionária vivida todos os dias das nossas vidas até ao dia em que veremos novamente o Cristo Vivo face a face.

É um movimento que decorre da Eucaristia e que vai da comunhão à comunidade e depois ao ministério. A nossa experiência de comunhão envia-nos, antes de mais, aos nossos irmãos e irmãs para partilhar com eles as nossas histórias e construir uma relação de amor. Então, como comunidade, podemos ir em todas as direções para nos juntarmos às pessoas.

Em missão antes de mais, pelos que nos são mais próximos

É importante ter consciência de que esta missão é, antes de mais, dirigida aos que não nos são estranhos, os que nos são próximos, a nossa família, os nossos amigos... aqueles que fazem parte das nossas vidas. De uma forma ou de outra, a autenticidade do nosso testemunho é posta à prova por aqueles que nos conhecem. Podem conhecer as nossas impaciências, os nossos ressentimentos, os nossos ciúmes, os nossos defeitos, todas as nossas mesquinhezes...

Em missão, não se trata apenas de mim

Jesus escolhe muitas maneiras de aparecer e de nos fazer saber que está vivo. Toca o coração de cada um de uma forma diferente, tão única e misteriosa. Os dois discípulos, ao chegarem a Jerusalém e ao fazerem a sua narrativa, devem ter ouvido muitas outras histórias. Temos as nossas histórias para contar e é importante fazê-lo, mas o nosso testemunho não

é único. Temos a nossa missão a cumprir, mas também temos de escutar o que os outros têm a dizer. Isto traz-nos de volta à comunidade.

Os dois discípulos puderam conversar juntos a partir dos seus corações ardentes e, conseqüentemente, entraram numa nova forma de relacionamento um com o outro, baseada na comunhão que tinham acabado de experimentar. A sua comunhão com Jesus foi, de facto, o início da comunidade. Mas isso foi apenas o começo. Eles precisavam de conhecer outras pessoas que também acreditavam que Jesus tinha ressuscitado... precisavam de escutar as suas histórias, todas diferentes umas das outras, para descobrir as muitas maneiras como Jesus e o seu Espírito operam no meio do seu povo.

É tão fácil trazer Jesus de volta ao «nosso Jesus», à nossa experiência do seu amor, à nossa maneira de O conhecer. Mas Jesus deixou-nos para nos enviar o seu Espírito e este sopra onde quer. A comunidade crente é o lugar onde são contadas muitas narrativas sobre como Jesus está presente. Todos estes testemunhos podem ser muito diferentes uns dos outros. Às vezes até podem parecer contradizer-se... e, no entanto, podemos gradualmente descobrir que pertencemos a uma mesma comunidade, membros de um só corpo, unidos pelo espírito de Jesus.

E a nossa vida em casal?

"Chamo os casais para a missão. Os casais e as famílias cristãs encontram-se muitas vezes nas melhores condições para anunciar Jesus Cristo. Mas convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada", disse o Papa Francisco (10/Set/2015).

Charles de Foucauld, missionário no Sara argelino, escreveu numa de suas cartas a um amigo (Assekrem, 3 de maio de 1912): "É certo que, ao lado dos sacerdotes, fazem falta Priscila e Áquila, para ver aqueles que o sacerdote não vê, penetrando onde não pode penetrar, indo até àqueles que fogem dele, evangelizando com um contacto benfazejo, uma bondade transbordante sobre todos, um afeto sempre pronto para se doar, um bom

exemplo atraindo aqueles que viram as costas ao padre e que lhe são hostis por preconceito." Temos plena consciência de que Nosso Senhor conta connosco para sermos missionários do Seu amor neste mundo?

O nosso amor conjugal, alimentado pela fonte inesgotável do seu Amor, oferece amor aos nossos filhos, às nossas famílias, aos nossos entes queridos... e abre as asas para chegar a todos os que cruzamos nos nossos caminhos.

Uma tendência para passar da comunhão ao ministério sem passar pela comunidade

Temos esta tendência de nos isolarmos numa certa forma de autossuficiência, onde o nosso individualismo e o nosso desejo de sucesso pessoal nos levam a agir sozinhos e a reivindicar para nós mesmos a tarefa de exercer o nosso ministério. No entanto, nem mesmo Jesus estava sozinho na pregação e na cura. O evangelista Lucas conta-nos como passava as noites em comunhão com Deus, as manhãs a formar comunhão com os doze apóstolos e as tardes indo com eles pregar às multidões. Jesus chama-nos a fazer o mesmo: a passar, ordenadamente, da comunhão para a comunidade e para o ministério. Ele não quer que ajamos sozinhos. Desta forma, podemos testemunhar enquanto membros da comunidade crente. Somos chamados à missão para testemunhar, servir, dar esperança ao mundo, não como fruto dos nossos próprios talentos, mas como expressão da nossa fé n'Aquele que nos reuniu, de quem provém tudo o que podemos dar.

E o mundo em que vivemos?

O mistério do amor de Deus é que os nossos corações ardentes, os nossos ouvidos e os nossos olhos atentos poderão descobrir que Aquele que encontrámos na intimidade das nossas casas continua a revelar-se-nos entre os pobres, os doentes, os famintos, os prisioneiros, os refugiados e todos aqueles que vivem no medo. A nossa esperança está fundada e Deus está vivo.

Somos levados a tomar consciência de que a nossa missão não é apenas difundir a Boa Nova do Senhor Ressuscitado, mas também receber o testemunho daqueles a quem somos enviados. A missão não se processa estritamente em termos de doar, já que a verdadeira missão consiste também em receber. Se é verdade que o Espírito de Jesus sopra onde quer, cada pessoa pode partilhá-lo com os outros. Recebemos tanto quanto damos. Cuidamos dos outros como os outros cuidam de nós. É o Espírito de Deus, o Espírito de Amor que se esconde nos pobres, nos desesperados, nos que sofrem. "Bem-aventurados os pobres, os perseguidos e os que choram", diz Jesus. Sempre que cuidarmos deles, consciente ou inconscientemente, eles, por sua vez, nos abençoarão com o Espírito de Jesus e, assim, tornar-se-ão nossos pastores.

Esta é a reciprocidade de dar e de receber, sem a qual a missão e o ministério podem facilmente tornar-se manipuladores ou violentos: quando apenas um dá e o outro recebe, o que dá rapidamente se torna um opressor e o que recebe se torna uma vítima. Esta reciprocidade é o que experimentam as pessoas que vivem uma vida eucarística. Escolher a gratidão em vez do ressentimento, a esperança em vez do desespero. Pouco importam as estatísticas em termos de quantas mudanças são causadas. Jesus e os seus discípulos nunca tiveram grande sucesso. O que importa é que há almas, pessoas que se reúnem à volta da mesa, repetindo os gestos do Senhor, em sua memória e que nunca cessam de partilhar narrativas de esperança...

É assim uma vida eucarística, tão pequena, tão pouco espetacular, tão escondida, mas é como fermento, como um grão de mostarda... que santificará o mundo.

O que o Padre Caffarel partilha connosco sobre "O apostolado fora de casa"

"... Esta caridade, esta «comunhão na caridade» que Cristo realiza no lar, é uma questão de que este (o lar) a irradie, de que seja obreiro da unidade onde vive, de que estabeleça esta comunhão nos ambientes em que está providencialmente inserido. Muitas vezes, o seu esforço para conseguir a

unidade será exercido num plano meramente humano; mas que saiba que esta unidade humana é já o início de uma unidade superior... Mas o apostolado não é apenas testemunho e influência, é também uma tarefa. Há atividades apostólicas que marido e mulher podem empreender e realizar juntos. Algumas exigem mesmo que a ela se dediquem juntos: preparação de noivos, acolhimento de catecúmenos, ajuda a famílias jovens, apoio a lares desestruturados, etc. Seria negligente se não falasse aqui dessas famílias que partem para as novas cristandades, ao lado dos missionários. Aí, mais do que em qualquer outro lugar, é necessário, segundo as palavras de João XXIII aos peregrinos das Equipas de Nossa Senhora, que os lares cristãos, através das suas vidas, anunciem, ilustrem, tornem acessível a todos aquilo que os sacerdotes ensinam pela palavra e em particular a grandeza e as exigências do matrimónio cristão.

Escusado será dizer que tal vocação não é a de todas as famílias e que, muitas vezes, marido e mulher não podem exercer o apostolado juntos. Em primeiro lugar, pela boa razão de não passarem o dia no mesmo ambiente. Não importa! O essencial não é que estejam sempre fisicamente juntos, mas moralmente juntos... O que São Paulo dizia sobre a casa de Áquila e Priscila: "os meus ajudantes no apostolado", é preciso que Cristo possa dizer de cada casal cristão.

(Trechos de uma palestra do Padre Caffarel que apareceu numa edição especial de "l'Anneau d'Or", maio-agosto de 1962)

O que o Papa Francisco partilha connosco sobre a missão das famílias

“... cresceu a consciência da identidade e missão dos leigos na Igreja e na sociedade. Vós tendes a missão de transformar a sociedade com a vossa presença no mundo do trabalho e fazer com que as necessidades das famílias sejam tidas em conta. Também os cônjuges devem “primeirar” no seio da comunidade paroquial e diocesana com as suas iniciativas e criatividade, buscando a complementaridade dos carismas e das vocações como expressão da comunhão eclesial, em particular a comunhão dos “cônjuges ao lado de pastores, para caminhar com outras

famílias, para ajudar os mais fracos, para anunciar que, até nas dificuldades, Cristo Se faz presente [3].

Por isso vos exorto, queridos esposos, a colaborar na Igreja, especialmente na pastoral familiar. Com efeito, “a corresponsabilidade pela missão chama os cônjuges e os ministros ordenados, especialmente os bispos, a cooperar de forma fecunda no cuidado e na tutela das igrejas domésticas” [4]. Lembrai-vos que a família é a “célula fundamental da sociedade” (Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, 66). O casamento é realmente um projeto de construção da “cultura do encontro” (Carta Encíclica Fratelli tutti, 216). Por isso, compete às famílias o desafio de lançar pontes entre as gerações para a transmissão dos valores que constroem a humanidade. É necessária uma nova criatividade para expressar, nos desafios atuais, os valores que nos constituem como povo nas nossas sociedades, e como Povo de Deus na Igreja.

A vocação ao casamento é uma chamada para guiar um barco instável – mas seguro, pela realidade do sacramento – em mar às vezes agitado. Quantas vezes tendes vontade de dizer ou, melhor, de gritar como os apóstolos: “Mestre, não Te importas que pereçamos?” (Mc 4, 38). Não esqueçamos que, graças ao sacramento do Matrimônio, Jesus está presente neste barco; olha por vós, permanece convosco a todo o momento, no sobe e desce do barco agitado pelas águas. Noutra passagem do Evangelho, lê-se que os discípulos, encontrando-se em dificuldade, veem Jesus aproximar-Se no meio da tempestade e acolhem-No no barco; assim também vós, quando enfurecer a tempestade, deixai Jesus subir para o barco, porque então, quando “subiu para o barco, para junto deles, o vento amainou” (Mc 6, 51). É importante que, juntos, mantenhais o olhar fixo em Jesus. Só assim tereis a paz, superareis os conflitos e encontrareis soluções para muitos dos vossos problemas: não porque estes tenham desaparecido, mas por serdes capazes de os ver doutra perspectiva.

Só entregando-vos nas mãos do Senhor é que podereis viver o que parece impossível. O caminho é reconhecer a própria fragilidade e impotência que experimentais perante tantas situações ao vosso redor, mas ao mesmo

tempo ter a certeza de que assim a força de Cristo se manifesta na vossa fraqueza (cf. 2 Cor 12, 9). Foi precisamente no meio duma tempestade que os apóstolos chegaram a reconhecer a realeza e divindade de Jesus (cf. Mt 14, 33) e aprenderam a confiar n'Ele.”

(Trecho da Carta aos noivos por ocasião do ano "Família Amoris Laetitia", janeiro de 2021)

Oração

(Com a qual nos dirigimos aos pais de Santa Teresa de Lisieux, Louis e Zélie Martin, que viveram em plena missão no seu casal, na sua família e na igreja)

"Santos Louis e Zélie Martin, vós que na vossa vida de casal e de pais deram testemunho de uma vida cristã exemplar, através do exercício do vosso dever de estado e da prática das virtudes evangélicas, voltamo-nos hoje para vós.

Que o exemplo da vossa confiança inabalável em Deus e do vosso constante abandono à sua vontade, através das alegrias, mas também das provações, dos lutos e dos sofrimentos com que a vossa vida foi marcada, nos encoraje a perseverar nas nossas dificuldades quotidianas e a permanecer na alegria e na esperança cristãs.

Intercedei por nós junto do Pai, para que possamos obter as graças de que tanto necessitamos hoje na nossa vida terrena e para que, como vós, possamos alcançar a bem-aventurança eterna. Amém. (Fonte: Site Catholique.fr)

Testemunho

Estamos casados há 36 anos e estamos comprometidos na igreja e no trabalho paroquial há 24 anos

Fomos responsáveis nas comissões de família e éramos muito ativos em diferentes atividades paroquiais, tais como a preparação das crianças, para a primeira comunhão e a preparação dos noivos, para o matrimónio, a nível diocesano...

Em 2019-2020, durante a pandemia de Covid, foi nomeado um novo padre para a nossa paróquia, acompanhado por uma nova equipa.

Fomos surpreendidos pela decisão da mudança do padre com quem nos dávamos bem, bem como pela cessação de todas as nossas responsabilidades na paróquia. Invadiu-nos um sentimento de injustiça, de incompreensão e de tristeza, afetando a nossa motivação e o nosso compromisso para com a igreja.

Depois de várias dificuldades e provações, um padre amigo apresentou-nos o movimento e as missões das Equipas de Nossa Senhora. Explicou-nos que estas poderiam ajudar-nos a voltara a ser uma família e a encontrar atividades paroquiais que pudessem dar resposta às nossas expectativas.

Fizemos algumas pesquisas sobre o movimento e passados 3 meses pudemos participar numa reunião de informação pública sobre as ENS numa freguesia distante da nossa casa.

Em 2021, depois de um rápido processo de pilotagem por parte do casal de informação das ENS, conseguimos finalmente juntar-nos a uma equipa comprometida com o movimento há 30 anos.

A nível pessoal, continuávamos afetados pelo que tinha acontecido na nossa paróquia.

Desde a nossa adesão às ENS e durante as nossas reuniões nesta equipa, temos partilhado as nossas dificuldades e a nossa incompreensão sobre o nosso problema paroquial.

Os membros da equipa não deixaram de nos recordar a noção de perdão e de amor e de nos motivar para sermos mensageiros da paz, construindo uma caminhada pessoal.

O conselheiro espiritual da equipa lembrou-nos de que talvez fosse o momento oportuno de cuidar da nossa família, da nossa vida de casal e de trabalharmos e de nos dedicarmos à espiritualidade conjugal em vez de servir a paróquia.

Dia após dia, fomos capazes de encontrar uma sensação de paz interior que tínhamos perdido há algum tempo.

Em novembro de 2023, enquanto nos preparávamos para a quadra natalícia, partilhámos durante a nossa reunião mensal com a equipa que estávamos prontos para deixar para trás essa etapa difícil e de nos focarmos na bênção do momento presente e caminhar em direção à graça do autoabandono para poder encontrar a paz interior.

A nossa equipa ajudou-nos muito e apoiou-nos na nossa decisão de regressar à nossa paróquia, à qual pertencemos. Para nós, o Natal de 2023 foi um tempo de graça e um tempo precioso para voltar à casa de Deus nosso Pai.

Agora sentimo-nos mais livres e em paz graças ao apoio dos abençoados e sábios membros da nossa equipa.

Desde o nosso compromisso com as ENS os membros da equipa têm-nos constantemente encorajado a perdoar e a aceitar a nossa fraqueza. Compreendemos melhor a nossa fé cristã e voltámos para os braços da igreja que nos dá segurança e paz.

Como os discípulos de Emaús, abriram-se-nos os olhos fechados e regressámos a "Jerusalém" através da comunidade em busca de oração e de apoio espiritual.

Hoje sentimos uma fé mais profunda, baseada no amor do nosso Senhor Jesus ressuscitado.

Hélène e Roukoz

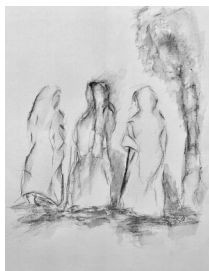
Perguntas para partilhar em casal

1. Estamos prontos para sair das nossas zonas de conforto e de nos aproximarmos dos outros com zelo missionário? Tal como Priscila e Áquila?
2. Que novas convicções recebemos a partir da leitura deste capítulo?

Perguntas para partilhar em equipa

- 1- Como casais, estamos conscientes dos perigos do isolamento e da autossuficiência? Estamos prontos para nos abirmos a uma dinâmica de partilha profunda com os outros membros da nossa equipa de base? Quais são os nossos receios a este respeito?

2- Podemos partilhar entre nós experiências, mesmo que muito humildes, em que tenhamos podido viver «uma vida eucarística», uma experiência missionária em reciprocidade. (Ao nível da família, da paróquia, dos que nos rodeiam...)



Anexos

Modelo para uma reunião de equipa

- Acolhimento e Invocação do Espírito Santo
- Oração de agradecimento dos alimentos e refeição
- Pôr em comum
- Oração inicial e ressonância pessoal
- Partilha dos PCE's
- Discussão do Tema de Estudo
- Oração pela beatificação do Pe. Caffarel
- Conclusão e Magnificat

Oração para a Partilha

Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida, recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de vós e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar, concretamente, o bem do outro e das nossas famílias. Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos. Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas e falhas, pedindo perdão a todos; ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade, para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus. Neste momento, também queremos lembrar e pedir pelos casais que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade.

Ámen

Atitudes de vida. Pontos Concretos de Esforço

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência da comunhão e do encontro

- Escuta atenta da Palavra de Deus
- Oração (Pessoal, Conjugal e Familiar)
- Dever de se Sentar
- Regra de Vida
- Estudo do Tema
- Retiro anual

Oração pela canonização do Padre Caffarel

Deus, nosso Pai,

Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel um impulso de amor, que o atraiu sem reservas para o teu Filho e o inspirou a falar d´Ele.

Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos: “Vem e segue-me”.

Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do sacramento do matrimónio, que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.

Mostrou que padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.

Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.

Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.

Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós te pedimos que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida, para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho, cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para ... (indicar a graça a pedir).

Ámen.

Oração aprovada por D. André Vingt-Trois, Arcebispo de Paris. “Nihilobstat” (4/Jan/2006), “Imprimatur” (5/Jan/2006)

No caso de obtenção de graças por intercessão do Pe. Caffarel, contactar o Casal coordenador da Associação dos Amigos do Padre Caffarel, na Supra Região Portugal: pe.caffarel@ens.pt

Meditações da Prof^a Marina Marcolini, no Encontro Internacional Torino 2024, sobre a passagem dos Discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)

Consultar as Meditações da Prof^a Marina Marcolini, no Encontro Internacional das ENS – Torino 2024, no site da Supra-Região Portugal em: <https://ens.pt/noticia/tema-de-estudo-2024-25-no-caminho-de-emaus/>

Modelo para a Reunião de Balanço

- **Como nos correu este ano (ao casal)?**
 - Aprofundamento da fé
 - Cumprimentos dos PCE's
 - Participação nas reuniões da equipa
 - O que devemos manter? O que devemos melhorar?
- **Como funcionou a equipa?**
 - Reunião da equipa: como nos escutámos, respeitámos, apoiámos, encorajámos? Todos fomos capazes de partilhar e comunicar?
 - Tema de estudo: ajudou-nos a crescer espiritualmente?
 - O CE está integrado na equipa e ajuda ao progresso da mesma? A equipa tem em conta as necessidades do CE?
 - Como é a vida da equipa ao longo do mês? Participámos nas actividades do nosso Sector/Região? Acolhemos o nosso Casal de Ligação?
 - A equipa fez a sua contribuição para o Movimento, no espírito proposto? Estamos disponíveis para a Missão? Referenciámos casais para formar novas equipas?
- **Como funcionou o movimento?**
 - Estamos a par dos meios de comunicação do Movimento? O que precisamos?
 - Participámos nas Acções de Formação propostas pelo Movimento (Província/Supra-Região)?
 - O que podemos pedir ao Movimento para viver melhor o Carisma e a Espiritualidade das ENS?

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor,
e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador;
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as gerações;

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome;
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.

Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos;
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias;
Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para
sempre;

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre,
Ámen.